

Canja.

Quinzenal de Música

Ano 1/n.º 18

1981

27 de fevereiro a 12 de março

Cr\$ 40,00

*Da Bahia
para o Canja:
o Trio Elétrico.*

*Blitz Kids,
a moda de Londres
por Kid Vinil*



*Arrigo
Barnabé*

*Queria ser
inventor,*

fazedor de xampu. Virou músico

Em Gratidão

Yoko Ono Lennon

Eu agradeço a todos vocês pelas cartas, telegramas e pensamentos... Eles têm vindo de todo o mundo, incluindo todas as partes da América, Europa, Ásia e África. Isso serviu para mim como um grande consolo, pois John e eu sempre acreditamos que o espírito de fraternidade vai muito além de raças, cor, ou crenças. Estas manifestações têm vindo de todos os caminhos da vida, incluindo daqueles que estão na prisão. As cartas que têm chegado das prisões, estas, em especial, tocam muito o meu coração.

Agradeço a todos por terem enviado donativos para a **Spirit Foundation**. A quantia dos cheques varia entre 50 cents, 1 dólar, 5 dólares, e até agora tem somado 100 mil dólares. John e eu formamos o staff da **Spirit Foundation** com o menor número possível de pessoas: somente John, eu e um amigo advogado. Obviamente, nenhum de nós três recebíamos pagamentos. Todas as despesas saíam do bolso de John e do meu. Não há razão para se modificar agora, ou jamais, no futuro, este bom sistema. Assim, o dinheiro, cada centavo dele, mais os juros que gerarem, irão diretamente às pessoas necessitadas no final do ano. Para que se possa manter esta simples e efetiva operação, a **Spirit Foundation** não autorizará, nem participará (como tem sido feito até agora) este dinheiro, em nenhuma atividade estranha ou de comercialização.

Eu lhes agradeço por vossa consideração para com as pessoas que têm feito dinheiro em cima do nome de John após a sua morte. Existem alguns de vocês que se sentem culpados por terem recebido cheques pelos artigos "Lennon" que escreveram para os jornais, as revistas, televisão e rádio. Não se sintam culpados. As pessoas que desejam fazer negócios de pequena escala em tributo a John, usando seu nome com bom gosto, terão minha bênção. Ele teria se sentido melhor se as pessoas comessem uma boa refeição a seu custo, do que se elas se sentissem eternamente culpados por sua causa.

Gastem, façam bons gastos para seus filhos e para as pessoas amadas. Se alguma coisa sobrar, dêm aos necessitados. Não peçam minha autorização, para vossas venturas, pois seria injusto dá-las a uns e não aos outros. Aos indivíduos e às empresas que desejam explorar o nome de John em larga escala: eu peço que numa atitude voluntária, me reportassem suas intenções e planos, respeitando os sentimentos e os direitos legais de sua família para que sejam feitos acordos que os satisfaçam.

Eu lhes agradeço pelo sentimento de raiva em relação à morte de John. Eu compartilho esta raiva. Eu estou enraivecida comigo mesma por não ter tido a capacidade de proteger John. Eu estou enraivecida comigo e com todos nós por permitirmos que nossa sociedade se despedace a este ponto. A única "vingança" que faria sentido para nós, seria dar um revertério na sociedade enquanto ainda há tempo de fazer com que ela seja uma sociedade baseada no amor e na confiança, assim como John acreditava que poderia ser. O único consolo que nos resta é mostrar o que poderia ter sido feito, que nós poderíamos criar um mundo de paz na terra entre nós e para nossos filhos.

Se cada um de nós pudesse amar e cuidar de uma pessoa apenas. É somente isso que seria preciso. Amor gera amor. Quem sabe, assim seremos capazes de impedir que nos leamos mutuamente à insanidade. Quem sabe, assim seremos capazes de impedir que nos tornemos violentos, já que a violência está em nossos corações e não nas armas. A culpa não está em quem puxa o gatilho, está em cada um de nós que o permite.

Quando John caiu bem a meu lado, eu sentia como se estivéssemos numa guerrilha. Sem saber quem ou onde o inimigo estava. Eu vivia dizendo a meu staff que escondiam de mim as navalhas e o artigos dos jornais, queria que me mostrassem tudo: cada telegrama, cada carta e cada recado. Eu estava no escuro. Eu tinha que saber. Eu vi a foto da morte. John refletia uma imagem pacífica, como aquela em que está na contracapa do disco "Imagine". Será que você está tentando me dizer alguma coisa, John? Eu vi a foto na qual ele assinava o autógrafo. Na TV, era um flash que se repetia uma vez atrás da outra. De alguma maneira, era mais difícil eu olhar esta foto do que aquela de sua morte. John estava com muita pressa naquela tarde. Ele não tinha obrigação de dar aquele autógrafo, mas deu, enquanto o homem o observava, o homem que iria trair John em seguida. Eu fiquei olhando para aquela foto. Eu percebi que era a única foto mostrada pela TV, na qual a cabeça de John estava inclinada para a frente, obviamente para assinar o seu nome. Mas era uma postura estranha para John demonstrar. Depois eu percebi que John estava assinando para o portão do paraíso.

John e eu acreditávamos que éramos uma mente tomando dois corpos "por conveniência", "e porque é mais divertido", como ele colocava. Ultimamente estávamos nos chamando de "o grupo", por causa das gravações. "Eu gosto de vocês duas", ele costumava brincar comigo. Nos últimos cinco anos eu trabalhava durante o dia no andar de baixo, no meu escritório, e John no andar de cima, no apartamento. Agora eu ainda estou no andar de baixo e John no grande andar de cima.

Eu senti que devia esta carta a vocês. Ela pode não responder a todas as suas perguntas, mas é o melhor que eu posso fazer agora. Esta carta também substitui entrevistas, aparições públicas e papos particulares que muitos de vocês me pediram. Eu gostaria de ter algum tempo só para mim.

Lembre: não há nada que você pode fazer que não possa ser feito. Imagine.

Love,

Jan. 11, '81
New York City

tradução: Quélita Moreno

-
- 2** Na íntegra, a tradução da carta que Iono Ono publicou na grande imprensa. Inédito no Brasil.
-
- 5** Especial de Salvador, nosso correspondente Vander Prata conta a história do Trio Elétrico.
-
- 9** A primeira grande entrevista do discutido Arrigo Barnabé. Na redação do Canja ele falou três horas.
-
- 14** A bossa nova de Londres: blitz kids, a novidade da new wave.
-
- 19** Dicas pré e pós carnaval no Fogo Paulista.
-

“... já que a violência está em nossos corações e não nas armas. A culpa não está em quem puxa o gatilho, está em cada um de nós que o permite”. (Iono Ono)

Não temos críticos

EXPEDIENTE

Reportagem: José Américo Dias, Bell Kranz, Fernanda Teixeira, Sérgio Pinto de Almeida, Eduardo Bahia, Paulo Ricardo de Medeiros, Armando Afalalo, Kid Vinil, André Barbosa Filho, Eduardo Araia, Paulo Sérgio Meyer, Sérgio Carmi, Luiz Henrique Romagnoli. **Arte:** Orlando de Jesus, João Diniz. **Revisão:** George Alonso de Magalhães. **Fotografia:** Flávio Galéia. **Rio de Janeiro/coordenador:** Palmério Dória. **Reportagem:** Ricardo Gontijo, Sílvio Júlio, Carlos Jurandir. **Fotografia:** Walter Firmo, Sérgio Sbragia. **Correspondentes:** Vander de Castro (N. York), Kiko Mangione (Londres), Malu Moraes (Milão), Vander Prata (Salvador), Roberto Drummond (Belo Horizonte), Eduardo Coelho (Curitiba). **Colaboradores:** Nelson Motta, João Máximo, Alvaro Freitas,

Ricardo Porto de Almeida, Phill Harbor, Paulinho de Tarso, Julinho Calasso, Ricardo Mesquita, Luiz Carlos Guerrero, Dácio Nitrini. **Ilustração:** Rogério. **Arquivo:** Vana de Campos. **Departamento Comercial:** José Maria B. Neves, Sônia Abreu, Quelita Moreno, Eide Guimarães Vieira. **Circulação:** José Luiz Durão Mariano. **Administração:** Nelson D'Agostino, Cassiano Guitton. **Editor Responsável:** José Américo Dias. **Equipe de Criação:** Sérgio de Souza, José Trajano, Paulo Orlando Laffer de Jesus (Polê). **Processo Gráfico:** Rainer, Linoart. **Composição e Impressão:** Empresa Jornalística Comércio & Indústria S.A. - rua Dr. Almeida Lima, 1.384 - fone 292-7222. **CANJA** é uma publicação da Editora Branco e Preto Ltda., Al. Franca, 241, CEP 01422, fone 287-9420, São Paulo/SP.

Com a maçã que não é a do pecado, Airtó Moreira gozando com o Canja.



Escreva. Este espaço é seu.
Cartas para Canja, Alameda Franca 241,
CEP 01422, São Paulo, SP.

Diz

O mais chato é que ela tem razão

Orra meu! Qual é o problema de vocês? Estão preocupados com uma nova ortografia pro Brasil? O Canja só tem erros e mais erros de português, revisão etc; etc; etc.

Alice Scarpa
São Paulo/SP

Olha o pau dela

Hey pessoal do Canja, tô escrevendo pra cobrar aquela entrevista com a Cor do Som. Será que tá tão difícil assim? Façam uma forcinha, tá? Por favor. E não sou só eu que peço. Tá cheio de gente querendo. Vocês não vão se arrepender... Bom, eu tô escrevendo mesmo pra falar que não tô afins de formar briga com ninguém, mas não pude me conter. Um tal de "Carlos Eduardo Guimarães" (nº 17) escreveu aí procês pedindo uma coisa tão absurda que deu vontade de vomitar! Sabe, "Carlínhos", acho que cê tá só um pouquinho por fora. Primeiro porque disse pra "chegar de MPB, que já encheu". Será que cê tava bem quando escreveu aquilo? Já encheu o quê?! Depois você perguntou onde tavam aquelas "roller disco" ridículas, tipo Donna Summer, Dee D. Jackson etc. Você quer saber MESMO onde elas estão? Olha que eu digo, heim? Eu só quero te dar um conselho: primeiro, você vê pra onde você tá escrevendo, tá? Se não souber eu digo: pro CANJA! Olha, se eu fosse você, ia ter vergonha de fazer aquilo, sabia? Fica na tua, meu filho. Você ganha mais. Vê se aprende, tá? Cê tá precisando tomar muita canja ainda, pra chegar aos pés do CANJA, viu, ô chegado? Saudações...

Simone de Paula
São Paulo/SP

O moço tá bravo!

Aqui vai a resposta a nosso amigo Carlos Eduardo Guimarães, de Santo André, que escreveu para o Canja 17: concordo que MPB já encheu o saco... E se você gosta de disco-funk, tudo bem (apesar de eu achar uma bosta!). Agora, quanto ao Rock, meu amigo, não tenho nada contra o Kiss, nem contra o Queen, pois curto Queen (e digo que Kiss já deixou de ser rock faz tempo), além de, há anos, curtir AC/DC, Rush, Deep Purple, Black Sabbath e c. Mas acho uma puta ignorância da sua parte chamar essas bandas de "pauleiras furadas"!!! Primeiro porque pauleira não é furado!!! (furado é Kate Bush). Em 2.º lugar, se você só curte Queen e Kiss, é porque você não tem rock na veias, e só ouve o que toca nas babacas das rádios, ou o que está na moda. Isso é falta de personalidade, sabia? Além disso, digo que o rock do Kiss está uma droga. E se você quer uma prova disso, vá a uma loja e compre seus 2 últimos discos... "O rock pesado está voltando" (aliás, acho que nunca se foi). Agradeço aos editores do Canja e aproveito esta carta para pedir uma matéria sobre o Black Sabbath (este sim) antes e depois de mudar seu vocalista. Chega de progressivo na coluna de Rock, não acham?

José Mário Nobre Jr.
São Paulo/SP.

Essa é pro Milton

Oi! Estou supercontente por vocês estarem de novo por aqui. Afinal a gente é amigo e volta a se encontrar. Essa aqui é pra pedir a vocês um espaço pra mandar um recado urgente pro Milton Nascimento. Acho mesmo que não vai ser difícil pra vocês fazerem essa força pra mim, pra que ele tenha acesso ao que segue escrito aqui: Milton, sábado (07-02) eu era uma daquelas 12 mil pessoas que, por muitas razões, estávamos no Ibirapuera. Sabe, a gente não se via há muito tempo. Fazia 2 anos que estava fazendo uma falta imensa, um grande convívio. Eu acho que deu pra você sacar que nós te consideramos um grande amigo. Nós estávamos presentes lá no Ibirapuera, super-ansiosos, e até enfrentamos uma repressão policial nos revistando e nos vigiando como se de repente fôssemos nós capazes de tamanha violência como essa que enfrentamos diariamente na rua, em qualquer lugar. Foi indescritível o nosso reencontro, mas estranhamente frustrante. Frustrante por dois motivos: acho que o 1.º e principal motivo foi quando estávamos cantando "Cálix Bento" e você foi saindo do palco, o maior bochincho. Todo mundo que estava tocando com você saiu, e você não voltou apesar de a gente insistir durante uns 5 minutos. O 2.º, pra mim, é por vergonha. Porque pessoas extremamente reacionárias, que não sabem e nunca tentaram saber o que é liberdade, o que são direitos humanos, se sentem com legítima autoridade e nos ameaçam com bombas até mesmo quando amigos se encontram. Sinto muito por isso ter ocorrido na minha cidade. Esses telefonemas que acabaram com a nossa festa. Mas o motivo maior desse recado é que eu e, talvez muitas outras pessoas que estiveram lá, ainda nos sentimos frustrados. Eu esperei e espero uma palavra sua, Milton, seja da forma que você preferir, ou escrevendo como eu, ou cantando como você, pra juntos a gente mostrar a nossa revolta e protestar contra essa ameaça que acabou com o nosso encontro, contra tudo que oprime a nossa vontade maior de liberdade, até mesmo a liberdade de se encontrar num sábado à noite pra cantar. Eu espero que você e todo pessoal que te acompanhou voltem a nos encontrar pra gente unir os caminhos num só. Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar...

PS: Gente do Canja, muito obrigado por esse espaço, por me deixarem falar. Não desapareçam nunca mais. Vocês fazem uma falta muito grande, por que a gente precisa saber mais de música. Timtim.

Eliana O. de Souza Lobo

São Paulo/SP

Amigo é pra essas coisas

Hoje estou felicíssima. Por quê? Como da outra vez, andando despreocupada pelas ruas de Sampa (desta vez na Barão de Itapetininga) e adivinham o que eu vi. Não acreditei. Parei, olhei mais de perto. Pisquei os olhos. Era ele. Fiquei extasiada. Meu coração até bateu mais forte. Em poucos segundos pude senti-lo mais de perto, acariciá-lo,

interrogá-lo... Ele voltou com toda a força. Eu sabia que ele não nos deixaria na mão. Ele já era meu amigo inseparável. Ele me contou o porquê do seu sumiço. Eu o acalentei com palavras (pensamentos) e disse: "É isso aí, meu amigo, a grana sempre fala mais alto". Um velho até me olhou com cara de assustado, pensou que eu estivesse falando sozinho, mas não. Nós (eu e meu amigo) estávamos sentados num banco do calçadão batendo um papo de amigos distantes, que se encontram novamente. Eu sempre esperei por esse dia. E ele chegou de repente na minha frente, e não disse nem oi. Foi-se abrindo em sorrisos, contando novidades. Falando de tanta gente boa. Imaginem que ele esteve até no Festival de Verão do Guarujá... É, mas ele me deixou um pouco triste quando me disse que a moçada do Brasil está meio por fora dos Melhores Brasileiros do Ano. Ele me disse que tiveram a audácia de colocar a Amelinha (pensem bem!) em 3.º lugar e, vejam só, a Rita, aquela explosão de mulher, em 10.º lugar. E olha que até a Elba Ramalho, a Diana Pequeno e a Olívia passaram na frente da Miss Jones. Loucura! (orra meu)... Ah! Mas ele me confessou que tinha certeza de que o Bituca do coração tinha dois primeiros lugares garantidos. Puxa, ao menos isso! Eu disse também a ele que sabia que o pessoal reconheceria o talento do Dom Bira, foram poucos votos, talvez a metade deles fossem os meus, mas aquele cara é demais. E a Simone, sua colega de trabalho, talvez merecesse o 3.º, mas deve estar feliz com o 5.º, melhor que o 10.º. Ficamos um bom tempo sentados no banco trocando idéias sobre música. Eu digo trocando porque quando falo com ele tenho a impressão de que ele me ouve. Ele me falou sobre as últimas do Rock, do Jazz, da MPB, falou da força das mulheres e prometeu voltar sempre que possível. Eu disse que Deus daria força pra ele e seus amigos porque, afinal, Deus também deve curtir música. Me despedi dele, agradei por ter vindo mais barato, mas ele me disse pra curtir o momento. Aqui e agora, porque ele concorda com Steve Hackett, em todo caso vamos aguardar e curtir o "art-rock". Volte sempre, amigo, não me deixe passar fome.

Vilma Fonseca
São Paulo/SP

Mais um da Cor

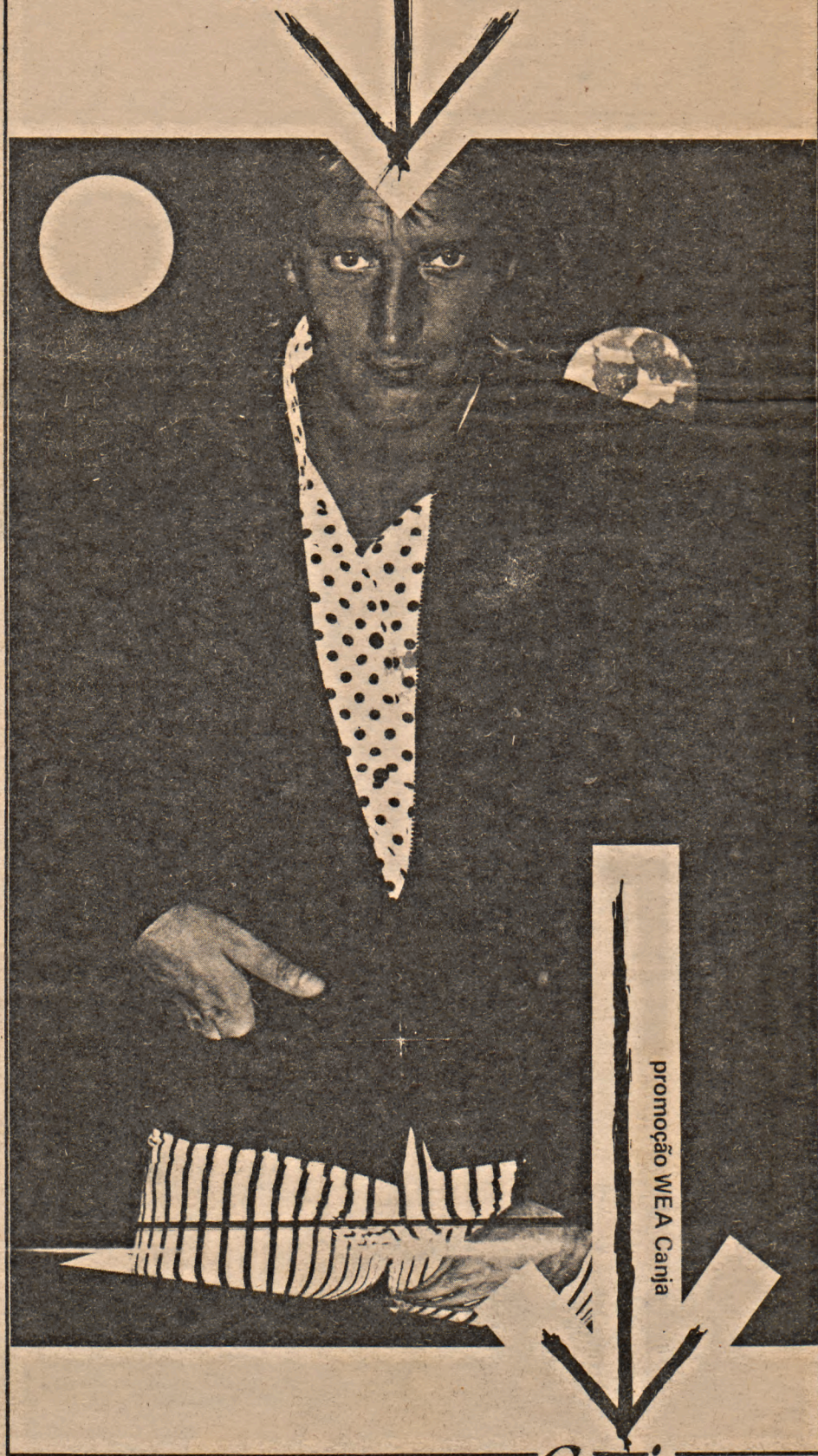
E aí? Tamos de volta, né? Bacana mesmo. Dou a maior força, falou? Seguinte, queria pedir uma capa com o grupo que é a paixão da minha vida: A cor do Som. Como Simone M.M. da Silva, eu amo esses caras. Todos. A reportagem "O Som da Cor" tava legal, mas devia ter pintado mais foto. Dá a capa e reportagem, né? Aliás, queria agradecer ao Canja, ao "Diz" porque estou me correspondendo com Simone "Cor do Som" da Silva (vide Canja 15) e ele é um barato! Beleza pura! Gostaria de pedir as Simonas (Motta e de Paula) que me escrevessem pra falarmos da Cor do Som. Diga ao Carlos E. Guimarães: ô meu, nada de cortar MPB. O pessoal pode equilibrar os dois, qual? Aí pessoal amarrado na Cor do Som, me escrevam (Al. Lorena, 319/31, J. Paulista, 01424, SP/SP).

Rosane Oliveira
São Paulo/SP

acerte

É fácil, fácil. Escreva para o Canja - quinzenal de música (Al. Franca, 241 CEP 01422 - São Paulo) respondendo a seguinte pergunta: qual o nome do último lp do Rod Stewart? Se acertar, você vai receber um poster colorido do Rod, igualzinho o que está aí embaixo, no tamanho 60 x 90 cm.

Ganhe um poster colorido do Rod Stewart



Quinzenal de Música

4 Canja

27 de fevereiro a 12 de março

Vander Prata

De Salvador

"Misture a dança de seu ombro com seu pé frevoxi, bumbagogô, dança meu povo em Salvador frevoxi, quem tiver nosso pique não se pique pro inferno frevoxi, é a Bahia namorando com Guiné essa pisada eu aprendi menino destino da raça, da graça de ser um baianinho moleque e negrinho da roça, do lobo, Saci Pererê bota pimenta de chero no do fogo e deixa ardê..."

De novo, na boca do povo, carnaval. Doido, bêbado, dias de delegado virar nigrinha, funcionário público vestir-se de Hulk, surfista pranchar no asfalto, caixa do supermercado passear de rainha, a bicha sair de "bocas amargas", o turista de pescador, a doutora de Chiquita Bacana, o ator de plebéia. Embriagados, todos, atrás, na frente ou no rabo ou de junto do trio elétrico, de Armandinho - Dodô e Osmar. É chegada a hora de correr e partir. A cidade se aquece, zanza-se mais pelo Zanzibar, os terreiros batem tambores, as praias entopem, no céu pipocam fogos. Canta-se. Somados os habitantes e os que chegam, dá, quem sabe, próximo do milhão. Gente que vai às ruas, desfilam nos blocos, cordões, afoxés, atentos ao trio.

Tudo começa em dezembro. Iansã abre as festas de largo, há depois presentes para lemanjá das águas, vem o Bonfim, entre tantas, explode no carnaval. Todos os santos e diabos soltos. Povo na rua dia e noite, de sexta-feira até terça. Som estridente, tato aguçado, festa sem normas, sem formas, de deformar o habitual. Já nas esquinas, prontos para sair, os oficializados 135 blocos aquecem os courros. E mais 7 de índios, 17 afoxés, 6 tímidas escolas de samba. Mais de 30 trios. E ainda os clubes de classe média e seus persistentes bailes. Mais de 230 mil foliões de carteirinha. A impunidade solta nas ruas de Salvador.

O Pólo Petroquímico entra em pânico, as construções param e desta vez não é por falta de cimento. É de peão. As madames perdem domésticas, as rádios rodam Moraes Moreira, Rita Lee, Baby, Pepeu, Caetano, Gil, Gal, trios elétricos. Muito baile, festas antes do carnaval. Nas sedes, retoques nas fantasias, um tom negro vai colorir as ruas e praças. Morenos, milhares de mulatos, negros, maioria absoluta. Vai ter rede nacional de televisão, rei Momo virá pelo mar até o Porto da Barra, sexta-feira. O séquito vai à praça, o show começa, sem arquibancadas, isento do estilo-pra-ingles-ver. A música invade, o povo chega. Mete o cotovelo e vai em frente.



Roberto Gaguinho

Abram alas, vem lá... devagar, devagarinho subindo a ladeira da Montanha. Reparem o ronco do motor rumando pros pés do poeta da praça, Castro Alves. Bocas de som falantes, baterias eletrizadas, pés no chão em passo de baila pra lá e cá. Atrás, na frente, tanta gente, contente. Por entre gambiarras coloridas o povo diabola. Sai som de tim-bales, tumbadoras, triângulo e surdão. Bum-bo bumbando, na altura da cabeça de quem pula perto. Plug ligado direto nos tímpanos.

Nessa cidade, as pessoas espalham-se pelos blocos, da Federação a Curuzu, de índios, do Cacique ao Apaches, pelos afoxés e afoxés. Mas quando soa o som do trio o povo se embola. Dança-se, canta-se, transa-se, alucinados. O feio e o bonito de todo santo dia, desaparecidos. Máscaras à parte, quem, atrás não vai?

— "Saímos da casa de Dodô decididos a ir pra oficina e começar a construção da coisa, para sair ainda naquele carnaval, éramos adolescente..." saboreia saudade Osmar. Osmar Macedo, 58 anos, pai da idéia do trio **Armandinho-Dodô e Osmar**, 7.º Lp gravado (WEA), agora numa empresa disposta a investir no atual fenômeno da música popular brasileira. No momento em que outras cidades pedem pelo trio, a Bahia festeja 31 anos de sua existência. Críticos reservem linhas para a história, agora, quando este País de tamanho ouvido

musical chega mais, pra conhecer o som elétrico.

Nas ruas de Salvador desde 1950, culpa desta dupla vizinha e parceria de folia. Que chega em 81 com nova formação, Osmar e o filho Armandinho (da Cor do Som), à frente, para cantar:

"Varre varre Vassourinhas/varreu um dia as ruas da Bahia/frevo, chuva de estrelas e sombrinha/metais em brasa brasa que ardia/varre varre Vassourinhas/abre alas e caminho pra depois passar/o trio de Armandinho-Dodô e Osmar/o frevo que é pernambucano sofreu ao chegar na Bahia/um toque de sotaque baiano/pintou uma nova energia/ai-ai desde o tempo da velha fobica/parado é que ninguém fica/é o frevo, é o trio, é o povo da Bahia/é o povo, é o frevo, é o trio/sempe juntos fazemos o mais novo carnaval do Brasil."

Osmar Macedo. Ex-aprendiz de torno mecânico, fresador, desenhista, projetista e inventor. Músico, poeta, arranjador, produtor e folião. Corria 1950, o carnaval daqui querendo parecer com o do Rio, os desfiles das sociedades, os corsos, rainhas e princesas, cadeiras ao longo do passeio. Aplausos contidos. Eis que bela quarta-feira, atracada no cais do porto um barco, em viagem para levar ao Rio, o bloco Vassourinhas, do Recife. Eles dão canja, saem às ruas de Salvador. Só sopro, mais de 150 metais. Eles a pé e de repente o povo começa a seguir. Termina na porta do Palácio do Go-

verno, medida de segurança. Osmar e Dodô atrás, pensativos. Desde 1938 são amigos, músicos, tocando em serestas e de posse de instrumentos, no mínimo, estranhos: um cavaquinho e um violão, elétricos. Era o **pau elétrico**, muito antes de a guitarra ser inventada. Assim: Dodô quebrou a caixa acústica dos instrumentos, aproveitou os braços, emendou um pedaço de jacarandá. Estendeu corda na banca de trabalho, captador embaixo, limpou o som, eletrizou.

Suados da festa que os Vassourinhas puxaram, decidem encarar. Enfeitam a fobica 29 (hoje, peça de museu), rabiscam num compensado "duo elétrico", um projetor de som para a frente, outro para trás, fantasiam-se, domingo saem pela primeira vez. Nunca mais o carnaval da Bahia foi o mesmo. Ano seguinte incorporam um companheiro, viram trio. E a seguir fazem a quaresma esquecer cinzas. Não satisfeitos com os poucos dias de folia na capital, muito pouco, saem para o interior. Hoje, não há cidade do interior que se preze sem sua Micareta, depois do carnaval, trio na rua.

Subvertem a ordem natural do ritmo. As pessoas abandonam a quietude dos passeios e a chatice dos bailes de salão para a louca aventura de dançar na praça. Marcha, dobrado, fado, passo-doublé (e hoje o roque, régue, xote, xaxado, baião) tudo vai para o eletrizante arranjo, frevo baiano.

Passaram-se os anos. O trio e povo ocupam as praças, remexe cadeiras nas escadarias do palácio, ritual de prazer, do brega do Maciel ao Campo Grande do caboclo. Osmar e Dodô tocam até 1960. Vendem o caminhão para o Trio Tapajós, o primeiro filho. Em 73, Osmar sobe nele, não para tocar, mas apreciar. Era domingo, com ele Caetano: "Eu sentia um frio esquisito, aquela sensação que não dá para explicar, a massa enlouquecida, pulando, pulando. Um mar de gente. Em 69, Caetano cantara "Atrás do Trio Elétrico" e o País ouviu falar de nós. Então, tava lá em cima eu e Caetano, quando a multidão grita junto com os instrumentos:...

"Baêêêê! Baêêêê!" Então ele me perguntou se eu não sentia culpa pelo prazer da festa que o povo fazia atrás de nós. Me lembrei de contar para ele o que aconteceu no primeiro ano que saímos para as ruas. A fobica subiu a rua Chile, eu querendo parar para tocar na praça Castro Alves e o motorista, nosso amigo Olegário, nada de frear o carro. Dei uma bronca, Dodô também, o diabo andando. Olegário respondeu bravo:

— Mas o motor tá desligado não é de hoje!

— E por que esse carro não pára de vez?

— É o povo, Osmar, ele é que tá empurrando...

II

Entra e sai ano, o carnaval muda o cara da cidade. Carnavalizar é preciso?

Quinzenal de Música

5 **Canja.**

27 de fevereiro a 12 de março

Certo dia, disse-me Gil: "Apolo não convive em termos amistosos com Dionísio. São antagônicos. Não, em vez de carnaval, respondem eles: temos de ter mais máquinas e chaminés e parafusos e as pessoas têm que se reprimir em função da disciplina. O plano pessoal se coloca em segundo, terceiro lugar, em nome de ordens abstratas, chamadas bem-estar da coletividade, orgulho-da-nação, poderio-econômico, poderio-político. Uma série de coisas substitutivas da ordem natural."

Uma das músicas mais recentes do trio, diz: "...lá vem o trio/de geração em geração/fazendo a liga-ligação/que é do pai pro filho/irmão pra irmão/é o desafinho, a continuação..." Serve para lembrar o ano de 72, ano do primeiro encontro de Osmar e Armandinho. O pai sobe no Tapajós, o filho no Trio Saborosa. Pela primeira vez se tocou a tradicional saudação de um trio quando encontra outro. Solam uma melodia parecida a que os arautos tocam para saudar a chegada ou partida de nobres cavaleiros. Em ritmo de frevo baiano, sempre.

Em 78 morre Dodô, enterrado ao som de "glória a ti/neste dia de glória/glória a ti/redentor que há cem anos/nossos pais conduziste à vitória/pelos campos e mares baianos..." Bem dizer, transfigura-se a cidade, carnaval cada carnaval. Bem antes o povo prepara-se. Nas esquinas dos bairros, nas barracas que desde dezembro alegam as festas de largo. Lembrando ainda Gil: "Como o carnaval é uma das poucas conquistas já asseguradas dos negros, é natural que seja o momento máximo de aglutinação estética, das forças de celebração. Os novos afoxés e os blocos afros incorporaram o contemporâneo: trazem uma negritude mais desenvolvida, mas elegante, mas moderna, já não tão nostálgica da floresta africana."

III

Atrás, em qualquer lugar, quanto mais junto melhor, são eles, beleza pura. São as mesmas pessoas dos afoxés, blocos afros, a religiosidade na festa pagã. A força e orgulho da raça. Misteriosamente, os blocos surgem, o povo aplaude. Após a

passagem elitizante do trio, o momento de restaurar, de reafirmar, o sagrado e profano de mãos dadas. Ritual, terreiro, instante de transe. O ano inteiro estão nos candomblés — e são tantos! Em Itapoã nas tardes de sábado, nas sedes da Federação, Curuzu, para ser, no carnaval, o outro lado do pique do trio-catártico-êxtase imprescindível: ser o lado da bandeira branca, da pomba da paz.

"É meu Pai do Céu/na Terra é Carnaval/manda descer pra ver/Filhos de Gandhi." Foi um alerta. Depois do canto de Gil, não parou de nascer blocos negros na Bahia. Durante o ano tem sede, fazem festas, carurus, São Cosme e Damião. Alguns já realizam debates de problemas não tão desagradáveis, tais como moradia, falta de esgotos etc. etc. Passem juntos alegrias e tristezas. Comemoraram a abolição além dos dias reservados pelo calendário de maio. Passado o boom da negritude, a cara da cidade clareia. E deixa no ar mais fumaça do que só o tempo de carnaval parece conter. Os negros saem da periferia, abandonam o nível do já

cristalizado, como a capoeira, o maculelê, o próprio terreiro e invadem o carnaval. É maioria absoluta, saída dos morros e baixadas. Melo do Melo, Melo do Banzo, Ilê Aiyê, Badauê, Olorum, Senzala, Cacique do Garcia, Ghandi, Apaches...

Vestidos em panos coloridos, desenhos de orixás, tranças nos fios encapinhados. Tomados da mesma emoção:

— "A música é canto" — lembra Gil, "é expressão oral, é veiculação de idéias, então, é ao mesmo tempo poesia, discurso, atitude, lazer e trabalho. Se dá no tempo, tem uma substância mágica que é o som. Cantar é a forma mais bonita de rezar de nosso tempo. O sair música de uma pessoa é sempre uma atitude buscando o alto, a expansão. Não é sem razão que as religiões negras ganharam força. Elas se nutrem da música, da dança. Ela é isso, não é outra coisa. O que é Xangô? O que é Oxóssi? É o que ele canta, dança, é assim que se celebra a presença deles. É esse o espírito."

Caetano previu que os blocos afros e afoxés dariam "o desenho definitivo

do carnaval na Bahia." Pois ele está em trânsito. Mesmo com as trapalhadas habituais: a Prefeitura decorando a cidade com a marca de uma administração (um coração), mesmo com clubes e seus blocos de corda a privatizar seus foliões; mesmo com resquícios do provincianismo de copiar o Rio com pobres escolas de samba locais, ainda que com todos os turistas de boca seca à espera do prazer, mesmo com todas essas trapalhadas, a capadoçagem impera. Os negros, definitivamente, conquistam — e puxam outros, a possibilidade de se "autogerir esteticamente", como dizia Gil outro dia.

Novo carnaval do Brasil? Críticos e catalogadores, expliquem. O povo todo na rua? Tempo de bazar brasileiro, balancê às avessas? A força estranhamente cresce. Fim da era das escolas e enredos de um ex-carnaval maravilhoso. O Rio não dita mais o vocabulário nacional? Ouçam esta música, é do ano, do trio de Armandinho-Dodô e Osmar: "A filha da Chiquita Bacana/neta de um certo pirata que tinha olho de vidro/e uma perna de

pau/entrou no bloco do prazer/rolou pelo chão da praça/ficou pretapretinha/saiu com o pessoal da Lolô/e voou nas asas do pombo-correio/a geração do lança/que cantou a jardineira/cheia de lero-lero/pensa nos cabelos da mulata/que sempre quer/Mamãe eu quero, mamãe eu quero..."

Liberdade, carnaval. A vivência do ato além do consciente castrador; o ser antropofágico: devoro, sou devorado. Onde o início é exótico, terrível como tormenta. Para em seguida brilhar e explodir em confetes e serpentina, em lanças mil só ser, mais querer do lento-gradual-eterno estar em berço esplêndido. Com o povo na praça, não tem lugar para enrustidos.

Olha lá, vem vindo, devagar... devagarinho, o trio elétrico. Com o sol brilhando reflexos nos trilhos urbanos (de novos tempos?) cada um ir indo em sua direção. O desejo de espaço pra verdadeira ação. Nova, em qualquer direção. Atrás, antes, durante o carnaval da Bahia, na trilha do trio. E dos afoxés e dos blocos afros etc. etc. Até quando o carnaval acabar. Quando?

camisas Beauty[®]

Solte o corpo nas camisas Beauty

Seja qual for o seu ritmo, vista uma camisa Beauty. Elas são agitadas como rock pauleira, gostosas como blues, suaves como uma valsa. Vá tocando com Beauty que logo pinta alguém e te canta.

27 de fevereiro a 12 de março

Quinzenal de Música

Canja.

MPB

Ary Barroso em seu leito de morte, dizia a seu amigo David Nasser: "Sei que vou morrer... Agora estão tocando minhas músicas..."

por André
Barbosa Filho

"Não quero saber de compor mais para o carnaval... Não sou o tipo que anda por aí pedindo para tocarem minhas músicas... E também não tenho o hábito, muito em voga hoje em dia, de dar dinheiro para que alguém bote meu disco na vitrola."

Aos 61 anos de idade, Ary Evangelista Rezende Barroso era um homem doente e muito desgostoso com o panorama da música popular brasileira da época. Nascido em Ubá, Minas Gerais, aos 7 de novembro de 1903, Ary Barroso logo cedo perdeu a mãe, vítima de tuberculose, e logo depois o pai. Foi criado pela avó e pela tia Ritinha, que lhe ensinou os primeiros acordes no piano. Foi com ela também que Ary se apresentou aos doze anos no cinema da cidade, fazendo fundos musicais para o filme mudo que ia ser apresentado. Quando Ary completou 17 anos, recebeu uma herança de 40 contos de réis, parte da herança do tio Sabino Barroso, ex-ministro da Fazenda, e resolveu se casar. A família foi contra. E não casou, mas de raiva segue para o Rio de Janeiro. Por lá, vive como um pachá, até o dinheiro se acabar. Fez vestibular para a Faculdade de Direito, e começou a tocar, como em Ubá, nos cinemas da antiga Capital Federal.

Bom pianista, logo surgiram outras oportunidades. Em 1923, toca na orquestra da peça Luar de Paquetá, de Freire Jr. Passa a ser contratado das grandes orquestras como

a Trianon, American-Jazz e outras. Saltando de trabalho em trabalho, logo viu-se na mão. A situação melhorou quando foi chamado pelo maestro Spina, de São Paulo. Vai com ele para Santos e Poços de Caldas onde passa oito meses.

Ary Barroso volta ao Rio e deixa algumas criações suas na Casa Editora Musical "Carlos Wehrs". Algum tempo depois recebe a notícia de que duas pessoas tinham-se interessado por suas canções. Olegário Mariano e Luís Peixoto. E foi com eles que Ary passou ao teatro, na peça "Laranja da China". A partir daí, uma sucessão de trabalhos importantes, sendo mais tarde contratado exclusivo do Teatro do Recreio do Rio de Janeiro. São dele os temas musicais das peças "Brasil do Amor", onde estreou Sílvia Caldas cantando "Faceira", e "É do Balaco-Baco", com texto de J. Carlos.

Ary casou em 1929 com Ivone Belfort Arantes, e, para conseguir o dinheiro para a festança, venceu o concurso carnavalesco da Casa Edison, derrotando Pixinguinha, Sinhô e Donga, com a ferina "Dá nela". Ary ainda reservou

um pouco do dinheiro ganho para pagar as despesas com seu diploma de bacharel, título que usou por alguns dias, quando foi nomeado Juiz Municipal em Nova Resende. Mas voltou ao Rio e por lá, através do apoio de Renato Murce, ingressou no rádio, onde foi o locutor esportivo, animador de programas e humorista. São famosas suas passagens como apresentador de programa de calouros. Era duríssimo com os candidatos, e seu programa fazia muito sucesso com os despropósitos que os calouros traziam para os microfones. Mas, mesmo assim, nomes como Lúcio Alves e Ângela Maria foram revelados. Ary tem seu nome ligado também à defesa do direito autoral no Brasil. Criou a Sbacem - Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Editores Musicais - e depois a UBC - União Brasileira dos Compositores. Também foi vereador pelo município do Distrito Federal (hoje, Rio de Janeiro) e, por lá, conseguiu aprovação do projeto de construção do Maracanã.

Há quem critique Ary Barroso por sua fase conhecida por exaltação, onde mostra um Brasil forte

e belo, longe da realidade de seu tempo. Mas Ary sempre recusou este título **exaltação** para seus sambas "Aquarela do Brasil" ou "No tabuleiro da baiana", ou mesmo "Na Baixa do Sapateiro". Estas canções lhe deram popularidade internacional. Nos Estados Unidos, através de seus trabalhos para Walt Disney, conseguiu projetar a música brasileira, já apreciada através de uma amiga, Cármen Miranda.

Ary Barroso, um homem controvertido, de gênio difícil, mas dono de uma visão invejável. Há 16 anos, em pleno domingo de carnaval, falecia um de seus maiores incentivadores. Há quem ainda escute a gaitinha de Ary nos jogos do Flamengo. Ou mesmo sua voz estridente no microfone da Rádio Mayrink Veiga. Mas não há quem não o tenha guardado com muito carinho na memória.

"No mar desta vida, Vou navegando, vou temperando
O céu, às vezes, é tão claro,
Outras escuro,
Claro é o passado, escuro é o futuro
Como vai você?"



Uma peneirada
nos lançamentos
que estão indo para as lojas.

Discos

MPBC
Aécio Flávio & Quartezanato



Série MPBC - Luiz Cláudio Ramos, Aécio Flávio e Túlio Mourão/Polygram

A série MPBC que a Polygram está propondo ao público tem muitos lados positivos. Entre eles a divulgação de nomes praticamente desconhecidos, mas de talento inegável, como Stênio Mendes, craviolista que está nos

MPBC
Túlio Mourão



Anacleto de Medeiros/Eldorado

Outra jóia lançada pelo selo Eldorado, dentro da série Evocação. Anacleto, grande sopro brasileiro do início do século, foi e ainda é muito injustiçado, tendo em vista seu grande talento e baixa execução das suas peças. O lp atual traz um panorama do excelente músico e maestro, filho de escrava liberta e que faleceu em 1907, aos 41 anos de idade. Destacam-se "Implorando", "No Baile", "Terna Saudade", "Yara", "Benzinho" e "Não me Olhes Assim". Outra característica do

assine
Canja.

Estados Unidos, Marcos Rezende e o Grupo Index, e mais recentemente Aécio Flávio e o Quartezanato, Luiz Cláudio Ramos, violonista e arranjador do MPB-4, do Chico Buarque, do Quarteto em Cy, entre outros, e Túlio Mourão. Os lps, todos, são bem cuidados e mostram trabalhos arrojados de músicos de excelente nível. Basta saber, se os lps que saem com a chancela

MPBC
Luiz Cláudio Ramos



Disco de Luxo serão realmente divulgados. Destaque para Túlio Mourão, excelente tecladista em "Destino das Águas", "Pedra e Paixão", e o "Trem da Selva". Aécio Flávio, que também sabe das coisas na flauta, em "O Menino Azul", "Folia" e "Nigritim". E, de modo geral, todo o lp de Luiz Cláudio Ramos, violonista de mão-cheia.



trabalho está nos arranjos, do agora comportadíssimo Rogério Duprat, que mais uma vez dá mostras de sua excepcional vitalidade e bom gosto. Vale ainda ressaltar a performance dos músicos escolhidos a dedo pelo produtor Antônio de Vicenzo, entre os melhores de São Paulo.

Nélson Aires
Roberto Sion
Amílson Godoy

cursos de MPB
 inscrições até 20/março

informações 241-3416

27 de fevereiro a 12 de março

Quinzenal de Música

Canja.

Concurso Fotográfico

Canja.  **FOTÓPTICA**

— Tema: "Música ao Vivo em 1980/81"

Os concorrentes poderão inscrever até 03 (três) fotos branco e preto ou cores, no tamanho 18 x 24cm.

No verso de cada foto deverá constar o nome do participante e os dados sobre o assunto fotografado (nome do músico ou do grupo, vocal e data).

Todas as fotos, juntamente com a Ficha de Inscrição, deverão ser colocadas em envelope subscrito ao *Concurso Fotográfico Canja/Fotóptica* e entregues em qualquer loja Fotóptica ou enviadas à Caixa Postal 2030 São Paulo/SP até o dia 15 de Março de 1981.

O julgamento será feito na segunda quinzena de março por uma comissão composta de profissionais da área.

As fotos vencedoras serão publicadas no jornal Canja, 1.ª edição de Abril de 1981.

Locais para inscrição — Lojas Fotóptica (vide a relação) ou pela Caixa Postal 2030, São Paulo/SP.

Premiação

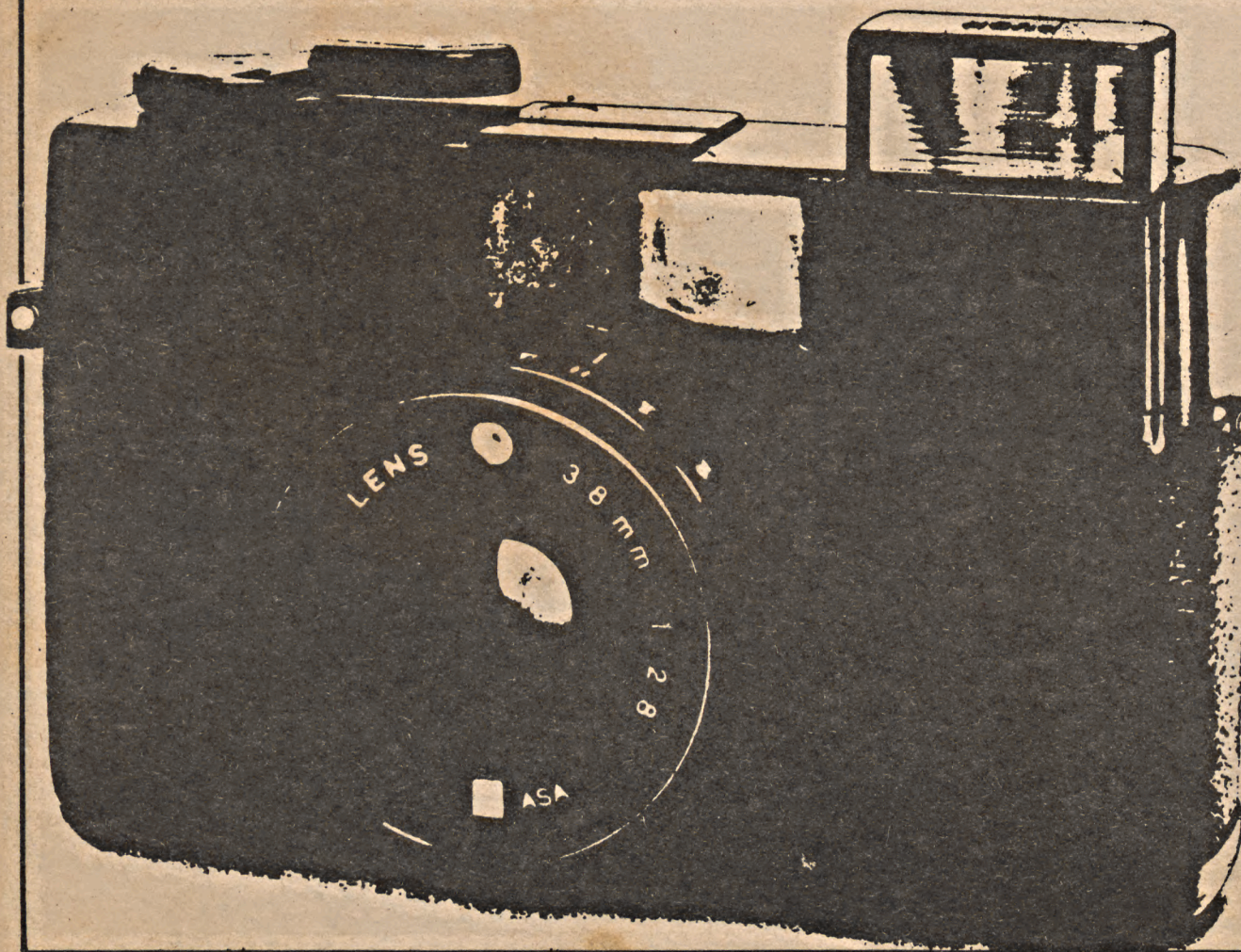
1.º) 1 Troféu Fotóptica
1 Câmera Practica MTL 3
1 Poster 50 x 60 cm da foto
1 Bolsa Térmica Fotóptica
1 Assinatura da Revista Novidades Fotóptica.

2.º) 1 Câmera Yashica

MF
1 Poster 50 x 60 cm da foto
1 Bolsa Térmica Fotóptica
1 Assinatura da Revista Novidades Fotóptica.

3.º) 1 Câmera Yashica

ME-1
1 Poster 50 x 60 cm da foto
1 Bolsa Térmica Fotóptica
1 Assinatura da Revista Novidades Fotóptica.



27 de fevereiro a 12 de março

FICHA DE INSCRIÇÃO

Nome _____
Endereço _____
CEP _____ Cidade _____ Estado _____
Telefone(s) _____ Idade _____
Profissão _____

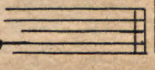
Declaro que li o regulamento do Concurso Fotográfico Canja / Fotóptica, com o qual manifesto total concordância.

Assinatura do Participante _____

LOJAS FOTÓPTICA

São Paulo	telefone
R. Conselheiro Crispiniano, 49/57	239.4122
Av. Brig. Luiz Antonio, 283	35.0276
R. Direita, 85	35.3716
R. Barão de Itapetiningá, 200	255.6867
R. São Bento, 385	258.3722
R. Rego Freitas, 432	256.2363
R. Major Diogo, 105	35.2858
Av. Paulista, 2064 - Center - 3	288.1931
R. Augusta, 1611 - Center - 3	284.7104
Av. Paulista, 854 - Top Center	285-0239
Av. Brig. Faria Lima, 1991 - Shopping Center Iguatemi	212.0823
Av. Brig. Faria Lima, 1191 - Shopping Center Iguatemi	212.0732
Av. Ibirapuera, 3103 - Shopping Center Ibirapuera	543.6540
R. Catão, 72 - Shopping Center Lapa	65.3387
R. Maria Coelho de Aguiar, 215 - Centro Empresarial	247.1258
Av. Santa Catarina, 2430	577.0125
R. Alvaro de Carvalho, 56	259.3660
Av. Rebouças, 2291	852.2172
Av. Nações Unidas, 4402 - Carrefour	548.3694
Av. Morvan Dias Figueiredo, 3177 - Carrefour	
Al. Lorena, 1460	280-2122
Estação São Bento - Metrô	229.4519
Estação Jabaquara - Metrô	577.0676
R. Dr. Rubens Meirelles, 380 - Play Center	
Santo André	
R. Albuquerque Lins, 82 (Praça do Carmo)	454.8709
São Bernardo do Campo	
Shopping Center - Paço Municipal	458.4983
Osasco	
Av. Corifeu de Azevedo Marques, 6300	
Shopping Center Continental	268.6723
Santos	
Av. Dona Ana Costa, 549 - Parque Balneário Center	47.230
Campinas	
Shopping Center Iguatemi	
Rio de Janeiro	
R. da Constituição, 50	232.4479

— Quinzenal de Música

8 **Canja.** 

Na quinta-feira antes do carnaval, Arrigo Barnabé sentou-se numa mesa do Canja. Rodeando-o estavam os repórteres José Américo Dias, Bell Kranz, Paulinho de Tarso, Ricardo Mesquita, Eduardo Bahia, André Barbosa Filho e Antônio Hélio — produtor de shows, e Quelita Moreno — pesquisadora musical. Convém lembrar que foi nesse dia o julgamento dos 13 metalúrgicos, entre eles, Lula. No bar próximo à redação, antes de começar o bate-papo, Lula já tinha virado assunto. O gelo estava quebrado.

O gravador começando a rolar a fita. Arrigo falou quase três horas. Não vai dar para publicar tudo o que foi dito nessa edição. Tudo foi muito importante. Tão importante quanto é Arrigo Barnabé na música brasileira.

CANJA - Bem, a gente vai falar de Arrigo, e devemos mostrar pro leitor do Canja quem é Arrigo Barnabé. Sabemos que veio de Londrina, mas ele pode contar quem é Arrigo Barnabé.

ARRIGO BARNABÉ - Bem, nasci em Londrina (Paraná) e estudei música - piano, no conservatório. Meu pai é escritor, jogador de futebol frustrado e o que ele queria ser mesmo é tropeiro...

C - Tropeiro? AB - É, tropeiro, aquele negócio de montar em cavalos, burros e sair andando. E minha mãe pinta, escreve, costura e tal. Uma pessoa mais ligada à arte, e ela insistiu para que a gente estudasse música. Meu irmão mais velho estudou violino, eu piano, o menor piano também e depois bateria, que é o Paulinho (que hoje é o baterista da Banda Sabor de Veneno). Eu queria estudar Química, queria ser inventor....

C - O que de certa forma está acontecendo... (risadas) AB - É, de fato... eu queria ser inventor, queria, sabe, aquelas idéias meio altruísticas, assim, descobrir alguma coisa para ajudar a Humanidade, sabe, uma coisa assim? E ia fazer Engenharia Química... a gente tinha uma curiosidade natural, lá em Londrina, de tudo que se referia à cultura. Então eu acabei encontrando algumas pessoas que também tinham essa curiosidade. Conheci o Mário Lúcio Cortes, que fez o "Clara Crocodilo" comigo, e ele também tinha essa curiosidade, desde Matemática, Física, Biologia, Astronomia, Astrologia, Ocultismo, Música. A gente queria conhecer tudo. Conheci o Robinson Borba, que é o produtor do nosso disco; o Tonelli. A gente começou a se encontrar, a se reunir e junto, o meu irmão, e a conversar. A conversar sobre tudo, inclusive sobre Música. E foi nessa época que estava pintando a Tropicália. Bem, aí a gente recebia aquela coisa toda, saía assim no jornal "Caetano Veloso vai usar guitarras elétricas". Aí tinha o programa do Sérgio Bittencourt, onde ele dizia: "Não faça isso Caetano, você não precisa disso, meu irmão. Você que fez um dia Coração Vagabundo, você não precisa dessas coisas..." Então, a gente tinha todos esses negócios lá. E eu querendo ser químico, inventar e tal, e eu não achava que ia ser músico, eu achava que nunca ia conseguir. Achava que quem ia fazer o negócio ia ser o Mário Lúcio, o Robinson, o Tonelli, o meu irmão. Bem, nessa época,

eu estava em Curitiba, gostava de ficar escrevendo cartas, pro pessoal, pra São Paulo. O Mário estava fazendo o ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica), o Robinson em São Paulo fazendo cursinho, e depois Engenharia. O Tonelli e meu irmão estavam em Londrina. Então a gente se correspondia: "Ô, vamos fazer alguma coisa aqui do Paraná. Um tipo de movimento paranaense..." Mas ninguém levou muito a sério. E aí eu vim pra São Paulo...

C - Terminou o colégio, você veio direto pra São Paulo?

AB - Não, eu fui pra Curitiba, e lá eu desbundeí. Sabe, eu era católico. Eu era uma pessoa muito católica, religiosa...

C - Ia a missa todos os domingos?

AB - É. Sabe, sempre fui religioso. Mas chegou num momento que o catolicismo não dava, sabe? Eu comecei a ler... O catolicismo não respondia mais às minhas perguntas. Eu me lembro que, em 66 ou 67, tinha 16 anos, eu comecei a ler. Li Platão, os três diálogos, "O Banquete", "Fedro" e "Menon" depois li Voltaire, Edgar Allan Poe, Jorge Ama-

C - E bicho, aí você veio para São Paulo e pinta a ECA na jogada...

AB - Antes a FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP)...

C - Você saiu de Curitiba com o colegial...

AB - Sai de Curitiba, tinha feito o cursinho, e fui para o Rio fazer o vestibular para Química... Mas quando eu descobri que Engenheiro Químico fazia xampu, sabonete (risadas) aí eu desisti...

C - Eu manjo disso...

C - O Paulinho é, entre outras coisas, publicitário...

AB - Aí, eu fiquei morando no Rio. Eu sabia que se fizesse o vestibular em Curitiba eu iria passar, e eu não queria fazer Química. E tem aquela pressão da família: se eu faço, passo, vou ter que fazer. Bem, no Rio eu tomei pau, aí vim para São Paulo. Eu me lembro que eu não queria vir pra São Paulo. Queria ficar no Rio estudando Música. Aí meu irmão mais velho me dizia: "Não, você tem que ir pra São Paulo; você tem que estudar, senão você não vai passar..." Aí eu vim pra São Paulo e comecei a fa-

FAU e foi um negócio assim: "consegui!". E comecei a fazer o curso, mas não ia bem, eu ia ser um arquiteto, né? Mas sempre lendo muito sobre música, estudando música, lendo, lendo pra cacete. Lembro que li um livro do Copland que falava sobre Stockhausen e me interessei sobre Stockhausen, a Nova Música. Aí comprei um disco dele, isso foi em julho, quando minha mãe esteve aqui. "Vamos comprar um disco", disse ela. Eu não tinha dinheiro. Fomos eu e o Paulinho, ele viu um disco de percussão contemporânea. Era um negócio completamente maluco. Compramos um disco do Ravi Shankar, essas coisas assim, né? Vindo lá de Londrina... Aí, me lembro, que li num jornal que tinha saído a edição do Ernest Widmer, o "Ludus Brasilienses", pra tirar no piano e fui no meio do ano fazer o Festival de Inverno, em Ouro Preto, e lá fui fazer um exame. Eu tinha levado o método do Widmer, e ele ia dar aula lá. E o pessoal ficou interessado em mim...

C - Você foi fazer o que no Festival?

AB - Fui fazer um curso de piano. E no Festival, a coisa mais importante para mim foi participar do coral, onde eu cantei o "Orbis Factor", em memória do Mário de Andrade, do Ailton Escobar. E foi uma coisa que me marcou demais, que é coisa que eu acho que tem a ver com a minha música, coisa assim (cantando) "Dominus Deus, Agnus Dei Dei, Filius Patris, Patris..." Negócios ritmados assim. Pô, aprendi pra cacete, aprendi demais. Quem regeu foi o Alexandre Pascoal Neto. Aí, voltei pra São Paulo, tranquei a matrícula na FAU e fui pra Londrina, fiquei lá lendo, o "ABC da Literatura", li as poesias do Oswald de Andrade, aquele prefácio do Haroldo de Campos, um prefácio incrível. Li o "Balanço da Bossa", que quando pintou... eu tinha ido pra Curitiba transar o papo de alistamento militar, comprei o "Balanço da Bossa" lá, é o livro do Augusto de Campos, e vim lendo o livro no ônibus, assim, sem parar. E batia com as coisas que a gente pensava. Eu e o Mário achávamos que depois do Tropicalismo o que tinha que acontecer é o atonalismo na Música Popular, que tinha que pintar uma coisa atonal. Isso porque os caras tinham chegado num ponto, mas não tinham rompido com a linguagem tonal, não tinha uma coisa organizada. Tinha aquele negócio de você falar no meio, quer dizer, não tinha uma coisa concreta.

C - Dá uma explicada aqui pro leigo, o que é atonal?

AB - O tonalismo se desenvolveu em cima da harmonia, foi uma coisa que veio do século 4, 5, da Igreja, o pessoal começou a compor. Os gregorianos, que começaram a justapor duas vozes e começaram a perceber que tinha encontro de notas, e aí começaram a pôr mais vozes e acabaram descobrindo leis. Leis que, hoje em dia, se sabe, são leis naturais, que geraram a harmonia...

C - Baseadas na Física...

AB - É... e tem que ver com os harmônicos...

C - Nessa mesa tem até um professor de Física, o Ricardo Mesquita...

AB - Tem as oitavas, depois a quinta e isso aí, se você for colocar é um acorde de dominante. Então, tem uma série de leis na harmonia e é isso que está no ouvido da gente, a formação da gente é essa, a formação do hindu é outra, a formação do chinês é outra, a do japonês é outra, a do negro é outra.

Arrigo Barnabé



do, ia lendo essas coisas. O que pintava na mão eu ia traçando e o catolicismo não ia mais respondendo às coisas, sabe? Aí eu conheci as transações de loga. E aí também conheci Marx, Freud, Kafka e comecei a ler aquilo e fui abandonando o catolicismo e entrando noutras... Quando eu saí de casa e fui para Curitiba, imagine, não tinha hora pra chegar em casa, não tinha hora pra dormir, ficava jogando baralho a noite inteira. Livre, né? E lá deu pra romper mesmo. E nessa época estava pintando o "Disco Branco" do Caetano...

C - Até aí você não compunha nada?

AB - Nada...

C - Você na igreja não participava de coral, tocava órgão, essas coisas?

AB - Não, não. Nada de igreja... Eu estudei piano em Londrina. Eu não toco bem, né! A gente pegava os prelúdios de Bach, as fugas, e ficava observando como Bach compunha. Eu e o Mário Lúcio. Toda transação polifônica dele... As invenções de duas vozes, como ele fazia o contraponto, sabe? Então isso é a música da gente. A nossa música, a base, é Bach, é polifônica. Então a gente fazia isso aí. A primeira vez que eu ouvi o Bela Bartok, com minha amiga Marta Furtado, uma pianista que tocou para mim, olha! foi uma impressão... foi um som... que marca, sabe, bicho? Quando eu escutei "Alegro Barbaro", aquele negócio que marca... aí pintou a idéia do som... E o Mário falava: "Barbaro, esse nome..." O nome era completamente louco: Bárbaro...

zer cursinho pra Química mesmo, mas eu adorava Arquitetura. Meu irmão mais velho é arquiteto e eu via os trabalhos dele, as colagens, e ficava deslumbrado, desbundado. Mas achava que não ia conseguir. Aquela mesma história: "Não, nunca vou conseguir desenhar...". Bem, mas aí comecei a fazer o cursinho pra Arquitetura, com o Perroni, Ondino e o Vila. Aí eu vi que não precisava ser um desenhista acadêmico, eles me deram a noção de que você pode ocupar o espaço, sem precisar ter uma técnica, sabe? Aí, que eu acho que comecei a aprender composição.

C - Quer dizer que seu som saía de uma transa visual...

AB - É... é. Não necessariamente de uma transa visual, mas a noção, a noção de composição, de como às vezes você incorporar falta de recursos como coisa expressiva, né? Você pegar suas limitações e torná-las coisas expressivas. E nessa época eu conheci o Luiz Gê, que me levou para ver uma exposição de quadrinhos no Masp (Museu de Arte de São Paulo), em 70. E eu fiquei desbundado. Até então eu não curti quadrinhos, sentia até um certo desprezo. Meu irmão, Paulinho, adorava, mas daí eu comecei a curtir. E o Luiz Gê me levou também aos fliperamas em São Paulo, aqueles fliperamas da São João. Ele adorava...

C - De que você mais gostava no fliperama?

AB - A bazuca, o submarino... bem, aí acabei conseguindo entrar na

Quer dizer, a música ocidental se desenvolveu, basicamente, no sentido da harmonia e da melodia, enquanto a música negra, a chinesa etc. em outro sentido, né? Cada uma num sentido diferente. A fantasia do compositor levou o cara a romper com o sistema...

C — O cara vai querendo achar recursos novos...

AB — Na expressão maior do ego... e chegou num ponto que o pessoal começou a fazer a coisa sem tom, já atonal. O Debussy já era um cara atonal.

"Acho legal, curti muito pois conheci ele no Festival de Verão do Guarujá. É uma forma de expressão nova. Quero conhecer mais dele."
(Wanderléia, cantora)



C — Você começou a ter contato com o atonalismo aqui em São Paulo?

AB — Não, lá em Londrina. Eu lembro quando a gente escutou "Alegro Barbaro", que é uma música tonal, mas que tinha coisas atonais. Eu lembro quando a gente ouviu falar em cluster a primeira vez, a gente leu numa enciclopédia, cluster é bater nas teclas com a mão. Eu lembro que a Marta Furtado fez um curso com o Koellreuter e ela contou sobre o curso feito em Teresópolis...

C — Você já transou com o Koellreuter?

AB — Nunca. É incrível, né. Eles ficavam numa sala escura e ficavam fazendo sons. A gente soube disso e eu, Paulinho, o Mário Lúcio, o Tonelli, a gente se reuniu bem durante uns cinco anos, todas as férias a gente se reunia numa casa, de luz apagada, antes de pintar o fumo e ficava fazendo um som e gravando. Depois que pintava o fumo a gente dava uma bola e escutava. A gente guardava todas as fitas e começamos mesmo a desenvolver uma linguagem. Chegamos a escrever um show, eu e o Mário, em 78, o Grande Estômago. Era um show muito louco.

C — E por que você achava que você não ia acontecer, que eram eles?

AB — Porque era a mesma coisa que com Arquitetura. Achava que não ia conseguir desenhar bem.

C — É um barato psicológico...

AB — É. Só.

C — Nessa época você ainda não acreditava que seu barato era música?

AB — Em 71, ainda não. Eu tava fazendo Arquitetura. Eu sou aquele cara que não canto bem. Eu grito. Não tinha facilidade rítmica. O negócio comigo foi na luta, mesmo.

C — Você é um bom exemplo entre os músicos que pode desmistificar aquele padrão boboca e grosseiro de que pra ser um bom músico precisa ter talento, que se fala de uma forma abstrata, um dom divino. E em geral esse dom divino é associado a boa voz, à capacidade de tocar um ou outro instrumento, virtuosismo... etc. Acho que você que é um

"Importante por ter aproveitado elementos e arranjos da Música Erudita em suas músicas."

(Maestro Diogo Pacheco)

cara que tem uma relação bastante próxima do estudo, que leu uma quantidade, pra sua idade, bem maior que a quantidade dos músicos que a gente conhece e um cara que não tinha boa voz pelos menos de acordo com o padrão convencional, não sabia tocar bem nenhum instrumento e consegue ser um criador em termos de música. Daí a dificuldade das pessoas compreenderem o peso de sua criação, fazendo comparações absurdas e bobocas, tipo Frank Zappa etc. Se você quiser ver influência de alguém em alguém você sempre encontra.

AB — Eu sou um cara que não tenho ouvido. Eu nunca fui aquele cara que chegava no piano e tirava música. Nunca. Então eu achei interessante conseguir criar um som.

C — Você foi quase obrigado pelas circunstâncias a ser um criador e não um repetidor de formas.

AB — É isso que eu queria. Eu acho gozado quando falam de Frank Zappa. Eu precisaria ter um puta ouvido e ser um ótimo instrumentista pra fazer um negócio em cima deles, quando o meu negócio é muito de partitura. Eu sou um cara quase visual. Eu componho escrevendo.

C — Você tem uma aversão a essa comparação com o Frank Zappa, que não é justificável. O conceito musical dele é extremamente parecido com o seu, o que não quer dizer que você o tenha copiado, que tenha alguma vez na vida ouvido ele ou que tenha pretendido ser um Zappa brasileiro. Você criou o seu som.

C — Você curtia Frank Zappa?

AB — Não, eu curtia Alice Cooper. A primeira vez que escutei Frank Zappa foi em 75. Já tinha "Clara Crocodilo". Eu escutei um negócio dele que não é muito representativo, que é o "Great Vazu". Eu cheguei pro Luís Gê e falei: "Me mostra o disco mais louco do Zappa que você acha que parece mais comigo." Eu fiquei olhando pra ver. Por exemplo, eu tenho um trabalho assim. Eu crio um baixo. O baixo pode ser uma série dodecafônica, ou duas ou três. Esse baixo eu chamo de módulo. São doze notas. No caso do "Orgasmo Total" são duas séries, a série original e a inversão que formam um módulo. Em cima disso eu faço um contraponto com uma variação da série ou com a mesma série. Esse módulo vai-se repetir de tempos em tempos. O "Office Boy", por exemplo, eu tenho uma frase de teclados que eu uso duas séries, tenho uma frase de baixos que eu uso uma série só, porque o baixo tá com menos notas. Essas duas frases vão-se repetindo. Em cima disso eu faço um canto que é desenvolvido em cima da série, é um contraponto com essas outras duas. Tem uma harmonia em cima disso feita com os metais, uma harmonia dodecafônica. São quatro coisas simultâneas ocorrendo. Isso seria a parte "A" da música que são esses módulos sempre se repetindo. A melodia não é repetitiva porque é num canto, eu não faço uma coisa repetitiva. Faço uma coisa fluente. Agora ela tá apoiada numa frase de teclado e numa frase de baixo, um contraponto e uma harmonia junto para os metais, dando uma cor. Isso se-

ria a parte "A", uma estrutura de módulos que se repetem. O compasso dessa frase é 3 por 4, 3 por 8 e 4 por 4, a unidade de tempo varia. São coisas que eu não vejo no Frank Zappa. Eu vejo mais uma coisa de rock. A identidade é mais urbana.

C — Você enxerga sua música como um trabalho plástico?

AB — Meu trabalho é de compositor...

C — Você teve alguma formação pra aprender a trabalhar com as séries?

AB — Estudei sozinho num livro chamado "Dodecafonismo", de Herbert Aimer.



C — Você acha que realmente a música que você faz transmite uma sensação atonal?

AB — Tem princípios estéticos que estão ligados. Você pode fazer uma série, se eu cantar uma melodia de doze notas, ela é uma série. Só que como eu estou fazendo uma coisa atonal eu vou fugir da melodia.

C — Eu vejo que na sua música tem toda a transação do atonalismo. Você pega as doze notas, as doze têm o peso igual... Se tá dessa forma, você vai explorar o timbre da nota, estruturas diferentes. Eu noto que na sua música tem isso, melodias graves e a menina canta agudo. Você troca os módulos.

AB — No começo do "Office Boy", por exemplo, eu trabalho com essas três linhas, a dos teclados, do canto da melodia e a do baixo. Então eu distribuo isso entre os instrumentos de sopro e faço uma melodia de timbres. O trombone parou aqui e começou a fazer uma parte do canto enquanto o saxofone tá fazen-

do a parte do baixo. Você tem no começo do "Office boy" essas três frases juntas divididas nesses cinco instrumentos de sopro. Daí, depois, que eu apresento isso aí, a guitarra entra e faz uma costura, a frase, é um treco até meio didático. Daí o ouvinte começa até a identificar onde é que tá aquele negócio nos diferentes instrumentos.

C — É um concerto formal que ele tem, alguma coisa pra ele se agarrar.

AB — Em seguida à guitarra, entra o baixo, repete tudo de novo com o baixo, aí o cara já vê que os instrumentos estão fazendo o baixo. Daí vem o piano e faz a melodia até o fim, faz inteiro como se

fosse a primeira parte da canção. Aí eu faço uma pontezinha tonal pra entrar.

"É o esculacho, que é uma característica dos anos cibernéticos. Adoro. Um beijo pra eles, a Banda Sabor de Veneno, bem cheiroso."
(Lúcia Turnbull, cantora e compositora)

C — Você usa de vez em quando uns acordezinhos e tal...

AB — Faço. Faço uma pontezinha tonal pra entrar no canto. Aí as meninas falam nome, aí eu tenho a parte "A": 3 por 4, 3 por 8, 4 por 4. Aí vem a parte "B" que é em 3 por 8 e eu tenho no baixo 5 notas da série e nos arpejos o complemento da série. E criei uma melodia atonal para as meninas cantarem em cima disso: "Ele viu uma chacrete linda"... Essa é a parte "B". Pra chegar na parte "C" eu chego

por transparência, enquanto está acontecendo a parte "B". Então vocês estucam em cima desse 3 por 8 uma coisa em 5 por 8 que é o trombone e aí entra o sax. Daí já vai aparecendo por transparência, a citação lá no fundo. São 10 compassos de 3 por 8, nesses 3 por 8 você tem 3 compassos de 5 por 4 em cima disso. Mas eu podia falar de 5 por 8. Isso dá justinho com essa quantidade aqui, é um treco que você calcula, é matemático. Quando terminou de se apresentar três vezes isso daqui, todo mundo entra nesse 5 por 4 só que agora em 5 por 2. O andamento muda. Isso aí é a parte "C". Terminada essa parte, a gente volta pra parte "B" com outra letra, terminada a "B", a gente volta pra "A" com outra letra. Tem uma estrutura simétrica, "A" "B" "C" "B" "A". Isso que eu reclamo do pessoal não perceber.

C - Quería entrar num outro lado, é o aspecto ideológico, cultural das letras. Tem uma relação com a forma, mas não se explica só pela forma que é o barato do deboche, da rebeldia, revolta que através da sua música a gente sente.

AB - Se você ouvir só a música você vai sentir isso. Porque muita gente faz uma letra engajada e põe uma música reacionária, o cara tortura o outro lá e o outro assobiando a música.

C - Acho importante essa diferença. Você consegue acompanhar as tendências mais revolucionárias da forma e ao mesmo tempo as letras, no comportamento de vocês, enquanto pessoas no palco, você também consegue ser revolucionário, ser combativo, criticar.

C - A idéia é revolucionar ou é apresentar uma forma que você acha mais bonita?

AB - As letras são românticas porque no fundo quase sempre é uma historinha de amor, você tem dois personagens e tal. E eu tento pegar coisas que todo mundo sente, sabe de consenso mesmo e trabalhar com elas. Eu tenho esse lado marginal. Minha preocupação é o prazer de fazer. Tem coisas que te revoltam, então você sente necessidade de falar daquilo.

C - Mas ele dá dor de cabeça pra quem quer rotulá-lo.

C - O que eu acho interessante não é o jeito de você trabalhar com dodecafonismo, tonalismo. Os americanos já trabalharam mesmo a nível popular. Mas o que acho interessante é o resultado, o que acontece não é uma coisa hermética como proposta. A pessoa normal, que não entende nada de dodecafonismo, se for ouvir o Pierrot Lunairo pode ser que não preste atenção. Mas na sua música tem o pique popular.

AB - Quando a gente fez o "Clara" queríamos fazer música erudita pra tocar baixo elétrico, bateria, guitarra. E a gente limitava a informação. Eu tinha lido o "Informação, Linguagem e Comunicação, do Pignatari, a teoria do "Obra Aberta". A gente tinha a preocupação de não voar muito. Agora já é meio banal, mas em 71 era muito louco. A gente teve a preocupação de fazer com que o ouvinte pudesse identificar, desse pra tocar no rádio pelo menos.

"Ele é uma das poucas coisas boas e novas que aconteceram na música brasileira recentemente. Ele e a Banda levam uma vantagem sobre a maioria dos outros porque conhecem música."
(Maurício Kubrusly, comentarista de música)

C - O seu som pega melhor no meio dos adolescentes...

C - Acho que no Clube Paulistano não vai haver identificação.

AB - Têm coisas que me revoltam e que passam na minha música, o que me revolta, muita coisa. Tenho 29 anos. Fiquei revoltadíssimo por ter ficado tanto tempo marginalizado. Não tinha canal, como apresentar minhas músicas. Mandeí pro Abertura o "Clara Crocodilo" e "Infortúnio" e classificam umas bostas. Mandeí música pra Elis Regina, quatro músicas, o "Infortúnio", "Sabor de Veneno", "Flor de Nostalgia" e não recebi resposta. Fui procurar o Ney Matogrosso no show dele, um visual incrível, uma banda boa pra cacete, mostrei as músicas pro Ney. A gente se sente desamparado. Não sou pianista, vivia na merda. Coisa de chegar duas horas na escola e não ter um puto de um dinheiro pra comer. Toda hora você tá duro. Me revolta demais estar andando na rua e ver um cara jogado no chão. Ou toda essa relação da mulher com status, bem claro no "Diversões Eletrônicas". O Itamar Assumpção não ter, muitas vezes, dinheiro pra vir da Penha pra cá. O cara tem um trabalho bom, dois filhos. E porrada de cara nadando na grana e dando de esquerda. O meu trabalho é uma revolta contra essa hipocrisia geral.

C - Você disse no Festival da Cultura, em 79, onde pintou o Arrigo Barnabé, que o "Infortúnio" levou um ano pra fazer. Todas suas músicas têm esse trabalho de transpiração, né.

AB - É, demora. O "Infortúnio" foi assim, eu tava em Londrina. Fiz uma das linhas de contraponto no violão. Eu tinha acabado de fazer o "Samba Dodecafonico" que apresentei no meu último show, só que não tinha letra. Fiz a série do violão, que é a série original, e depois o retrógrado. Aí cheguei em São Paulo e fiz o contraponto no piano. E eu queria

"Tem um futuro bom. Fazendo uma mistura que muita gente já fez. Tem muito talento. Não tem nada de novo, tá no meio termo. Está em formação."

(Hermeto Pascoal, músico)



fazer uma música de uma mulher que vive do arroz que jogam, pros noivos. Aí entra um dado de revolta também. Eu vi uma entrevista da Clarice Herzog, que ela queria que a polícia se responsabilizasse pela morte do Herzog. Descendo a Cardeal Arcoverde, de ônibus, lembrei da minha tia que perdeu o marido assassinado, e de preto na esquina gritando:

"Meu marido, levaram meu marido." Um negócio forte, quando a pessoa não tem vergonha nenhuma de ridículo. Pensei então por que não fazer uma música falando sobre isso, isso é uma coisa lírica. Tem o lado irônico do deboche.

Mas se essa música estivesse dentro de uma estrutura trágica, funcionaria.

Na próxima edição, Arrigo Barnabé fala da Banda Sabor de Veneno, fala mais ainda da sua vida.



Flávio Galéia

Arrigo: o imprevisto

Quem podia prever que um novo imprevisto viesse, não da Bahia nem do Rio, nem de Londres... mas de Londrina para São Paulo?

O imprevisto chama-se Arrigo. Já é show e já está em disco: CLARA CROCODILO.

Digo Arrigo para ser breve. Porque o evento abrange, a rigor, todo um grupo de artistas — músicos, intérpretes, letristas — incorporados na provocativa Banda Sabor Veneno.

Numa fase em que a música popular brasileira tende a se estabilizar no aperfeiçoamento das conquistas da última década, e na qual, naturalmente, a mestria predomina sobre a invenção e a diluição sobre a mestria, Arrigo vem para desequilibrar o jogo e, outra vez, envenenar as águas remansosas da rotina.

Vem com uma proposta incomum, dando ao público não o que ele espera reconhecer mas o que não espera e desconhece. E se Arrigo obriga o público a pôr a inteligência a funcionar, é porque, decerto, não descrê da inteligência do público. Ou porque pertence à categoria rara daqueles artistas que — como Caetano Veloso ou Walter Franco — fazem do risco e da aventura a sua alma e a sua arma.

Não se limitando a incendiar a música instrumental, Arrigo estende a sua prática nova à área mais conservadora da música popular, a da canção. Mais do que dissonantes, suas canções beiram o atonal. Ele trabalha com módulos seriados, que se repetem, invertidos — espeíhos contrapontísticos (sabor de Webern?) que fixam melodias móveis, libertas das pistas costumeiras.

De resto, ele desegotiza o intérprete, desprivilegiando-o em prol do conjunto, na medida em que propõe vários focos de acontecimentos sonoro-visuais. As melodias são cantadas por duas ou mais vozes femininas. As cantoras (no disco,

Vânia, Suzana e Tetê, nos últimos shows, Tuca e Tetê, todas excelentes) atuam em coro ou em solo, sem parar de balançar, num clima paródico que vai de truques de "crooners" a tiques de prima-donas, com toque de chacetes. Tuca, além de tudo, toca viola clássica, entre um requebro e outro. Tetê tem um trabalho próprio, já afirmado no belíssimo Lp "Piraretã". Com o registro invulgar, afindo e afinado, de sua voz-pássaro, Tetê é uma cantora que não se parece com ninguém. Única.

Os instrumentistas (quinteto de sopros, guitarra, baixo-elétrico, percussão, bateria e teclados) não acompanham, dialogam com as vozes ou entre si, partituras à vista. O próprio Arrigo ataca de teclado e de voz, nos comentários guturais, ritmados, com que interfere nos espaços livres, cantofalando, radionarrando ou simplesmente sublinhando o texto desenhado das letras.

Entre os módulos atonais e as letras "comics", o riso e o sério, o rádio e a série, a fala e o canto, o som e a cena, Arrigo Barnabé e a Banda Sabor de Veneno parecem realimentar a utopia do produssimo (música de produtores com swing de consumo). O espaço em que se projetam é o entre. É o indisciplinado terreno interdisciplinar desse entre (em que se localizam alguns dos lances fundamentais da arte de hoje) que eles esperam, tocando, de tocaia, com "Clara Crocodilo", que o ouvinte-espectador, com ou sem dissabor, também entre."

(Augusto de Campos, poeta concreto, estudioso da PPB. Sua poesia está reunida em "Viva Vaia 1949/1979", pela Editora Duas Cidades. Seus principais trabalhos sobre a MPB estão em "Balanço da Bossa e Outras Bossas", pela Editora Perspectiva, atualmente em terceira edição)



V

ocê aí que está com os olhos virados pras letrinhas que vão pintando na frente se liga que vou te passar mais alguns lances lá do forró:

A casa abriu com a música do Zenilton. Garanto que a maioria não conhece a figura — sanfoneiro e cantor com 4 Lp na praça e na prateleira de qualquer bóia-fria. Cabeludo, calça Lee, camisa de manga curta, o garotão é um tremendo sarro e tem um "hit" no seu Lp "Meu Casamento" onde conta a história de um casamento e diz no refrão: "Quebrei, quebrei/quebrei a cabeça dela (bis)", na tradição jocosa e brincalhona de grandes cabras da música nordestina como Genival Lacerda (é na boutique dela); João do Vale (seu Malaquias); Jackson do Pan-deiro (comadre Sebastiana) e outros muito loucos que eu nem conheço. A música do Zenilton tem uma identidade total com sua gente. Ele fala na língua dela.

Outro lance é que o forró tem uma diferença incrível com a música sertaneja do centro-sul. Enquanto a música sertaneja é basicamente triste, trágica e nostálgica, o forró é de uma alegria que não dá pra dizer. Nem a saudade entristece. Quanto maior é a lembrança da terra, mais as pessoas se abraçam e embolam as coxas ao som da sanfona.

É todo mundo dançando. No balanço, na ginga e na cadência de um ritmo que é dançante até a raiz.

DEU PRA SACAR?

J.C.: Oswaldinho, ontem à noite saquei um barato importante quando você começou a tocar: uma parte grande do público continuou dançando e outros foram se juntando cada vez mais pra perto do palco e passou a te ouvir. Isso acontece sempre?

Oswaldinho: Isso está acontecendo de uns tempos pra cá. Antigamente era sempre a mesma coisa, o mesmo ritual. Nos últimos tempos está acontecendo esse clima de sow-baile. Quer dizer a música não perde a característica dela... Então é uma coisa que eu também fico curioso. Eu começo a pensar depois que eu me apresento: o que está se passando? Minha mãe, inclusive, que não entende de música, também já me observou que quando eu me apresento em forró, cada vez mais tem gente assistindo que dançando. Eu acho que é porque a minha música é mental também, quer dizer, ela fala pras cadeiras, pra ginga mas fala também pro coração e mente. Existe uma curiosidade e as pessoas estão começando a viajar na idéia agora. Então é mais um passo adiante, porque o nosso público nordestino não dá muito valor pra música pura, não. Ele trabalha a semana inteira e vem aqui é pra se divertir, dançar a noite toda. Ele guardou a grana pra isso. Dançar e ver o que pinta depois do baile. A companhia dele também a mesma coisa. Eu fico contente é lógico.

E confuso também. Vai parando um, dois, quinze, cinquenta e fica todo mundo ouvindo. Não sei se consegui te explicar direito, mas é isso que eu vejo e sinto.

J.C.: Você me disse que fica confuso. Eu reparei ontem, Oswaldinho, não sei se estava lendo direito a tua mente, mas você parecia preocupado com o que estava acontecendo.

Oswaldinho: Sabe o que é: eu estou somando coisas novas àquela música basicamente de raiz que o pessoal vem curtir. Isso requer um esforço grande da gente, entende? É que eu estou usando outras influências também. Agora eu estou inclusive com uma certa responsabilidade, percebe? Eu procuro não confundir a cabeça deles, tá. O inverso vale para os universitários. Eu estou trazendo influências de lá pra cá e levando daqui pra lá. Tem que ser lento. Você não pode chegar querendo mudar tudo que não dá certo. Além do mais lá é minha raiz, onde eu vou buscar a seiva. O nordestino você tem que fazer a cabeça dele tocando "Asa Branca", "Feira de Caruaru"... só depois que ele curtir a saudade da infância dele é que você pode tocar uma mais moderna, senão ele não aceita. O universitário já não: tanto faz uma "Quinta Sinfonia" do Beethoven como "Asa Branca". Meu barato é fazer do forró música universal. Eu to com vinte e seis anos e na minha casa eu ouço de tudo. Eu gosto da música da minha geração. E sou ligado em rock, também. Eu aprendi muito com os tecladistas do rock, entende? Eu me amarro no Emerson, Lake & Palmer. Foi deles que eu comecei a perceber o pop de ligar a música clássica e rock. Eu faço um todo: da música sertaneja ao jazz; do pop ao clássico. Eu to preocupado que a sanfona não vire museu. Acompanhando uma linhagem: Luiz Gonzaga, o avô, Dominginhos o pai e eu o filho. Numa descendência pra não deixar morrer a coisa. Cada um tem uma fase. Eu sou a terceira e vêm muitos outros por aí.

J.C.: Quais são suas grandes influências? Quais os músicos que mais te encantam... com quem você goza, Oswaldinho?

Oswaldinho: Ô Júlio, é um turbilhão que às vezes você nem sabe a quem se agarrar. Eu me identifico muito com o Dominginhos. Além dele ter uma

técnica fabulosa, ele usa mais o coração que a própria técnica, coisa que poucos músicos conseguem. ele só usa na hora certa. No forró ele toca pra nordestino. Na França, ele estraçalhou o acordeon. Ele não confunde as coisas. Não vem pro forró mostrar que sabe tocar. Isso eu aprendi com ele. Por exemplo, quando ele tocava com a Gal Costa era outro Dominginhos. Não o que tocava forró na gravadora Cantagalo. Outro homem que estava ali: fazendo arranjos, harmonizando... Desafinado, "Índia", lembra? Os segredos que ele sabe, tinha que ter três números do Canja só pra contar. Inclusive sempre fala pra mim não mostrar tudo que eu sei.

J.C.: É perfeito. Eu também acho. A quantidade de surpresas que você vai proporcionando ao público é que dá a dimensão do artista.

Oswaldinho: Você tem que aprender a controlar. Igual tempêro.

J.C.: Certo... e fora acordeonista, que outros músicos você curte?

PEPEU, MESTRE NO PALCO

Oswaldinho: Eu gosto muito do Pepeu porque o tipo de trabalho dele é universal. Deu pra sacar isso quando ele tocou com o Santana. Os baianos têm essa característica: Pepeu, a Cor do Som, Baby, Moraes... a gente abre a cabeça com eles pelo lance do improviso no palco. Com eles não adianta ensaiar muito. É perder tempo porque à noite vai ser tudo diferente. O lance com o Pepeu é na velocidade do pensamento. De repente pinta um improviso que não estava no esquete, um desafio de cordas com teclados...

J.C.: Um pequeno parêntese, tá? Eu curto muito show, eu gosto demais de música ao vivo, e uma das minhas grandes emoções foi proporcionada por você e Pepeu. Em 79, produzi os Baianos e uma noite você sobe no palco e sei lá... Oswaldinho, eu queria que você soubesse que fiquei na coxia chorando, tá! Por causa de um desafio, certo... O Pepeu é um músico muito louco, né, meu. Ele é um cara que entra em campo pra vencer, não é pra amarrar o jogo, não. Não é Zagalo,

primeiro defender pra depois atacar. O barato dele é Pelé, já cai logo matando... não importa que marquem 4 gols lá atrás porque ele vai na frente e faz 16.

Oswaldinho: Subir no palco com ele já pinta imediatamente o clima de desafio porque o Pepeu tem aquela coisa de galo, ele já testa logo o músico... é o jeito dele.

J.C.: E não é provocação. É um estímulo positivo... Se você tivesse pique, na segunda nota você já fechava o fole e puxava rápido, não é certo?

Oswaldinho: Foi... todo mundo ficou arrepiado. E não é brincadeira não. Ele chama pra briga mesmo. O Santana caiu de quatro.

J.C.: Quando?

Oswaldinho: Em Montreal. A gente ia tocar no sábado e na sexta ele foi convidado a participar do show do Santana. Rapaz, se o homem não é de circo ele dança. O Santana deu a deixa... o Pepeu seguiu o osso e mandou ver. Aí o jeito que eles deram foi tirar o Pepeu do palco senão ele acabava com o baile. O Santana é um músico tranquilo, aquela pedaleira toda... quando o Pepeu entrou no palco deu aquele alvoroço... quem é esse cabeludo?... Ele já entrou picado... você sabe aquele negócio que ele tem. Já vai logo varrendo o palco... foi emocionante, sabe.

MORAES MOREIRA É MEU PASTOR

J.C.: E Moraes?

Oswaldinho: Eu vou te falar uma coisa... Moraes é meu pastor. Ele é uma pessoa que não tem nem o que se falar porque tem hora que se você tiver que agradecer você até gagueja. Uma coisa que eu posso dizer é o seguinte: se o Moraes Moreira não tivesse nascido, o mundo ficava devendo. É graças a ele que está acontecendo tudo isso no outro lado da minha carreira, esse contato com outro público. Eu agradeço tudo a ele. E todos os que se aproximaram dele fizeram alguma coisa. Ele abriu os caminhos e não tem inveja de nada. A filosofia do Moraes é que nem a de Cristo: ajudar o próximo.

J.C.: Por último Oswaldinho eu to sabendo que a tua agenda pra esse ano está praticamente lotada de shows, gravações, Tv, excursões, viagens ao Exterior... é isso?

Oswaldinho: Perfeito. Graças a Deus é isso.



assine
Canja.



Cê tem que sentir o cheiro. Respirar fundo, até o talo. Comece a rebolar. Solte as cadeiras e balance o bundão. Cada um na sua. Do jeito que puder, que ninguém põe reparo não.

Que tal aquela loirinha sentada perto do palco? (Só não garanto que um gato moreno, forte, camisa estampada e espelinho de bolso conferindo o penteado vai chegar na frente e sair com ela rodopiando pelo salão.)

Do lado, uma linda morena, cabelos presos no alto, blusa branca, branquinha, lábios coloridos, brinco enormes equilibrando as orelhas e enrugadinha pelo tempo, vai ficar muito contente se você sair com ela rasgando debaixo desse sonzão. Vai nessa, com padre.

A comadre também pode chegar. Ninguém morde. É só testa com testa, mão na mão e vamos nessa... Balançar a tristeza no meio do salão, bem picado, miudinho, segurando a marcação. Pode bater coxa quié bão!

Do lado de fora a gente deixa esquecida lembranças ruins da cidade grande: o patrão, o maucheiro, o custo de vida e a poluição. Se ainda não sacou, meu bem, estamos num forró, sacudindo. No Brás-Belém. Podia ser no Tucuruvi, Vila Alpina, Penha, Vila Carioca, em Santo André, São Caetano, Osasco...

Espalhado pela cidade, como pau de arara em São Paulo — a maior capital nordestina deste País branco, preto, mulato e macio como a pele macia de Oxum, né, Vinicius? Saravá mestre, cê qui agora tá sentado à direita e à esquerda Dele, aí em cima, no céu.

OSWALDINHO "IN CONCERT": UMA SANFONIA NO BRÁS.

"Saí daqui Brasil com S — cheguei lá Brasil com Z

Fui embora sanfoneiro — Voltei acordeonista"

Oswaldinho

Tá todo mundo careca de saber que Oswaldinho é filho de Pedro Sertanejo e que seu pai, além de grande músico, é afinador de instrumentos musicais; de garotinho ele conviveu com Luís Gonzaga, Dominginhos, Si- vuca e outros maravilhosos sanfoneiros; o velho montou o primeiro forró da cidade e o menino Oswaldinho usava uma sanfoninha de 4 baixos de babador e se apresenta em público desde os 6 anos de idade. Quer dizer: 26 de idade e 20 de música.

Menino Oswaldinho eu conheço desde o Teatro de Arena, 1975, show do Capote que produzi e dirigi.

Em 1979 eu e Moracy do Val produzimos "Os Novos Baianos" em São Paulo. Numa quinta-feira o Moleque subiu no palco e deu uma canja. Ele e o maluco do Pepeu derreteram seus instrumentos num desafio que depois eu conto.

Agora eu tô vendo Oswaldinho lá no palco do Forró do velho.

Acontece amigos que ele nasceu em Caxias — Estado do Rio — tá com vinte e seis anos e outras influências além do sotaque de músico e nordestino que vem lá do berço, certo? Tem a própria vida, incluindo conservatório, rock n'roll, o soul e suas manhas, não é?

(Eu tô interessado em saber como está o Oswaldinho hoje. Qui é qui



tá acontecendo agora na vida dele.)

Já me disseram que ele vai se apresentar em mais dois forrós ainda hoje. Quer dizer: vai dormir lá pelas seis da matinal! Marcamos um encontro pra domingo à tarde, que ninguém é de ferro, e o papo deu nisso que você vai ler:

J.C.: Pra começar, Oswaldinho, o que significou a gravação de Forró "In Concert" e o que ele representa na sua carreira?

Oswaldinho: O Forró "In Concert" é resultado de oito anos de pesquisas minhas, entende? Eu queria botar minhas idéias pra fora mas nenhum produtor acreditava.

J.C.: Por quê?

Oswaldinho: Porque eles achavam que o público comprador de música nordestina não ia consumir esse tipo de trabalho. Pra assinar contrato com a Continental eu exigi que as coisas fossem feitas a meu modo. Não adianta eu gravar de novo regional e sanfona que não ia acontecer nada. Eu queria é botar minhas idéias pra fora... eu acompanho tudo que se passa lá fora e sempre fazia uma comparação: se eles levaram o clássico pro rock por que o Oswaldinho não podia levar pro forró? Daí seria uma novidade e uma abertura, um caminho pra mim... porque se eu fizesse a mesma coisa que o Luís Gonzaga, o Dominginhos, o Trio Nordestino seria um copo d'água no oceano, né? Daí, a idéia do Forró "In Concert" começou a ter um certo respeito pela gravadora. A começar pela quantidade de

semanas que me deram pra fazer o disco. Foram quatro semanas com períodos de seis horas, todos os dias. Um mês inteiro, todo dia. Coisa que eu fazia um disco em trinta minutos, no máximo uma hora. Quer dizer, já deu pra trabalhar com mais tranquilidade, com mais carinho. E foi assim até o fim. O pessoal da criação lá da gravadora caprichou na capa também, né? Eu digo que a capa é o **Incrível Hulk do Nordeste**. A fu-

são do Beethoven com a minha fisionomia e a sanfona de encontro ao piano; quer dizer, já foi um trabalho mais elaborado e eu ganhei dois pontos no sonho que eu queria realizar: ser tratado com respeito e meu trabalho sendo prestigiado. E terceiro, depois do disco pronto a aceitação está sendo geral. Graças a Deus eu não tive uma crítica contra; até mesmo no fator de eu participar de duas faixas cantando. Se bem que eu

sei que sou desafinado até andando, mas eu botei meus dois irmãos juntos, um de cada lado e aí tudo bem. Depois de tudo isso, o Oswaldinho agora tem que fazer um trabalho cada vez melhor, com muito carinho pra não desmanchar esse primeiro lançamento depois de 8 discos gravados. Eu quero continuar pesquisando, colocando a sanfona paralelo com tudo que está acontecendo no mundo.

J.C.: Você considera o Forró "In Concert" gravado pela Continental como um **segundo** primeiro disco teu?

Oswaldinho: É... eu considero.

J.C.: Como se fosse o primeiro trabalho de uma nova fase, onde a identidade do Oswaldinho como músico, como artesão, como pessoa que está ligada no que acontece em volta e consegue canalizar isso tudo pra um disco, independente do público ser nordestino, alto, baixo, branco, preto, Brasil, Japão... seria isso?

Oswaldinho: Perfeito, é isso mesmo.

OSWALDINHO



27 de fevereiro a 12 de março

Portinari Villa-Lobos Carlos Gomes Procópio Ferreira

Deles recebemos uma inestimável herança, patrimônio maior das artes plásticas, música e teatro. Adultos e crianças, todos podem sentir a emoção que é viver com arte.

Marcelo Tupinambá

Faculdade "Marcelo Tupinambá"
Rec. pelo Decreto 74.710/74
Cursos oferecidos:
Artes Cênicas, Artes Plásticas,
Desenho, Música,
Educação Artística I e II Grau
Bacharelado em Instrumento

Conservatório "Marcelo Tupinambá" - "oficializado"
Cursos: Piano, Órgão, Violão, Violino,
Violoncelo, Flauta doce e transversal.
Cursos Modernos: Órgão, Piano, Jazz, Violão.
Composição - Regência - Harmonia - Contraponto -
Prática de Arranjos - Artes Plásticas - Desenho -
Pintura - Mosaico.

Cursos Especializados para crianças

Inscrições e informações:

Rua Vergueiro, 2.087 - Vila Mariana (Metrô Ana Rosa) - Fones: 549-6899/544-3997 - SP

Quinzenal de Música

13

Canja.

A moda New Wave está explodindo em Londres: é o blitz kids.

O futuro todo mundo vai ser famoso pelo menos por cinco minutos. A frase é de Andy Warhol e resume bem o que se passa com a new wave atualmente. Pros ingleses já não é mais o Police e nem o Madness que lideram o movimento, mas é gente como Adam Ant, Steve Strange do grupo Visage e o grupo Bow Wow Wow (esse nome é bem esquisito, mas pronuncie Báu uáu uáu). O novo movimento não tem um nome definido, chame-o de Blitz Kids ou Futuristas. O punk da classe operária já era a new wave tomou forma e a classe média deixou de vestir-se como a classe operária e os pubs ingleses foram invadidos de repente por pessoas vestidas numa elegância, que dá inveja aos modistas parisienses. Steve Strange é dono de uma boutique em

Londres e lança a moda, tem um clube fechado só para pessoas de bom gosto e bem vestidas. Malcom MacLaren e Vivienne Westwood, os fundadores da "Sex" a loja mais badalada nos tempos punks é agora proprietário da World's End, na Kings Road em Londres e a moda corre para o luxo da classe média. Abaixo os modelitos punks de Joãozinho Podre e seus asseclas. A onda agora é outra: todo mundo brilhando. Realce e quanto mais purpurina melhor. Como a cultura e passado europeu permite, os músicos se vestem de acordo com a história, como é o caso da Adam Ant que escolheu os piratas do século 16 ao século 18, ou o grupo "Spandau Ballet que optou pela moda usada por volta de 1745. Vivienne e Malcolm são os managers do "Bow Wow Wow" e

Vivienne como designer do grupo optou pela moda da Revolução Francesa e do século 18. Quem lê um negócio desses deve até pensar em termos de fantasia. Carnaval carioca perto do que esses ingleses loucos criam é fichinha. Evandro de Castro Lima e Clóvis Bornay que se cuidem, pois Londres tá virando carnaval o dia inteiro. Andar pela Kings Road é como assistir a um desfile de fantasia de originalidade (os Punks) e Luxo (o Pessoal Blitz). A revista inglesa Time Out fez em fevereiro um levanta-

mento completo da nova onda e em sua capa publicou uma colagem dessas figuras que não estão muito preocupadas com posições, classes, sexos, políticos, raças, causas, unidades e outros temas. A música também está descompromissada de qualquer um desses temas, ela é tão brilhante como as pessoas que as ouvem. Steve Strange do grupo "Visage" que atualmente ocupa as paradas inglesas, é no momento uma das figuras mais elegantes, aparecendo em revistas como Stern da Alema-

NEW WAVE

por Kid Vinil

De uma hora pra outra muita coisa se desgastou, o rock progressivo encheu o saco, o jazz rock ficou num beco sem saída, muito pouca gente sobrou, os supergrupos tipo Led Zepelin começaram a fazer tudo igual e deu no saco de todos nós e foi aí que gente como "Júlio Barroso" (um dado importante, primo de Ari Barroso), um dado importante também "Barroso" é com "s" e não com "Z" o rapaz ficou muito puto quando viu seu nome neste jornal com "Z". Bem, nosso convidado especial de hoje é Júlio Barroso que nos fala de New Wave, Música Prapular Brasileira e suas badaladas por N.Y. Como apresentação do mesmo poderíamos dizer que o sr. JB (não é James Brown, não é uísque e nem James Bond, é Júlio Barroso) nasceu por intermédio de Nelson Mota como DJ, isso há muito tempo por volta de 76, nos tempos dos Dancing Days da vida e daí embarcou em muitas como jornalista escrevendo em 76 Música do Planeta Terra, Jornal do Gam (Galeria Arte Moderna) fazendo o primeiro artigo de Reggae em homenagem a Rita Lee ainda por volta de 76. Frisou,

ainda, que Rita Lee é a nossa única superstar não pré-fabricada, o que concordamos plenamente. Mas vai daí que Mr. JB começa a mergulhar em 77 nas águas do punk/new wave Transa Sex Pistols no Rio, quando da vinda de Paul Cook e Steve Jones para o Brasil e no mesmo ano é convidado por Nelson Mota para ser DJ na "Jambalá" uma boate da Belô, onde JB introduz o punk, que como dado importante Belô é um dos centros consumidores de punk/new wave do Brasil. E continuou se envolvendo também com o Dancing Days e introduzindo modismos, teve grande participação no movimento de funk (Black music/Black Rio) e de repente ficou de saco cheio e resolveu fazer as malas e morar algum tempo em New York. A experiência foi gratificante. Cercou-se de pessoas de muita influência no show/bizz americano (no que se refere a new wave (claro). Daí que em fevereiro de 80, lá estava Mr. JB em Nu York, assistindo a seu primeiro concerto de new wave com "James White and the Blacks", onde se destacavam figuras impor-

tantíssimas, que nos meses vindouros passariam a representar o momento da new wave. Junto com James White estavam músicos de jazz de grande respeito no cenário jazzístico como: Joe Bowie, um trombone da pesada e irmão de Lester Bowie do Art Ensemble de Chicago, e o bateria Charles "Bobo" Shaw. O som era na base do Funk/new wave e do Funk/jazz, pois James White é lócura total em seu sax. Foi uma loucura segundo JB, um novo jeito de ver as coisas, todo mundo de cabelos supercurtos na platéia, refinadíssima e repleta de gente importante do cenário underground new wave de New York. Ficou felicíssimo em saber que as coisas estavam assim tão bem e muito criativa. Estamos salvos, a música está salva. E era isso mesmo, daí pra frente vieram os clubes noturnos onde o new wave rolava. Conheceu Rudolph — o fundador do Vitoria Pub em Sampa e teve a felicidade de frequentar o "Danceteria" que Rudolph abriu em NY. O Danceteria foi um dos clubes mais incríveis de new wave que apareceram em NY, eram três andares de loucura total.

Num andar pista de dança, no outro palco de apresentações e no último um tremendo living room com sistema de videocassete. Realmente inacreditável e infelizmente fechado por falta de licença para bebidas e outras cositas mais. Viu também gente de alta importância atualmente no movimento de new wave, como o B-52's, Gang of Four, DNA, Kid Creole and The Coconuts, Defunkt, The Lounge Lizards e outros nomes que dariam uma lista enorme. Uma historinha importante também é o dente que JB perdeu durante o concerto de Siousxie And The Banshees. Siousxie é uma vocalista cotadíssima na new wave em Londres e em visita a New York tocou com o grupo e estando JB na platéia vendo o grupo esbarrou num punk que lhe soltou um fuck you de cara, JB inconformado devolveu e recebeu de presente uma porrada, que causou a queda de seu dente. Nunca discuta com um punk, evita transtornos. Mas, New York cansou e JB resolveu, a convite de Nelson Mota, voltar para o patropi e dar início ao Paulicéia Desvairada, que Nelson inaugurou há alguns meses e botou Júlio e Luíza como os DJ's da casa. A simpática dupla faz o som ambiente do local. Luíza é responsável pela música brasileira no prato. Ela já trabalhou como DJ anteriormente em épocas do Dancing Days e criou a música prapular Brasileira, que é o



que ela está dando sequência no Paulicéia. A parte internacional fica por conta de Júlio que mescla com new wave, punk, beatles, Stones (Beatles e Stones, porque segundo eles Beatles e Stones serão eternamente new wave). Como tudo tem muito a ver, o Paulicéia é mais que uma casa noturna de música, é um lugar onde as pessoas não têm o menor compromisso de assistir a um concerto e se mandarem. Não é nada disso é uma casa onde se toma o maior porre no bar, assistindo a vídeos, pois o sistema de videocassete passará a mostrar no início da noite trechos de filmes intercalados com música, isto é tapes de grupos e posteriormente um grupo ao vivo e pra terminar música

ambiente pra se dançar até às tantas. Na verdade é uma opção para as pessoas sem que se caia na mesmice de um teatro ou de uma discoteca. A música ao vivo terá suas grandes variações, mostrará nomes como Arrigo Barnabé, Cor do Som e novos Grupos. Enfim esse foi o papo tido com Júlio Barroso, e mais importante regado a cerveja e ao som de "pylom" uma banda de new wave americana de arrepiar os pentelhos. Magazine esta, porém, inglesa e no final "The Pretenders", com a gente gozando no fim ao falar de Chrissie Hynde a vocalista do Pretenders e de "Deborah Harry" a vocalista do Blondie, que JB viu de perto em NY (sorte dele e muito azar o meu)....

nha, Avenue da Holanda, Vogue de Paris e num suplemento especial do jornal Soho News de Nova Iorque. O Visage seu grupo é basicamente música eletrônica, que comanda as paradas atualmente em Londres. Não é preciso citar mais uma vez que Bowie é responsável por tudo isso. Menos cansativo que o som progressivo o som dessas bandas é muito mais harmônico e melodioso e muito mais garra pra se tocar do que normalmente era o marasmo do som progressivo. Outra banda do gênero é o Ultravox, liderado por Midge Ure, que já participou com Steve Strange de um grupo nos tempos punks, chamado The Rich Kids (Ou os Garotos Ricos). O Rich Kids acabou e o pessoal se espalhou, Midge Ure deu uma nova vida ao Ultravox, que é atualmen-

te o álbum mais vendido em Londres. Vienna, a principal faixa do disco é também o compacto mais vendido em Londres. O Ultravox também é um dos expoentes desse novo movimento, que se apóia em muita criatividade no campo eletrônico, e está de bons músicos e de uma criatividade espontânea. E além do mais o mercado inglês reage satisfatoriamente ao movimento, pois as grandes gravadoras estão investindo nessas bandas e faturando em cima deles. Quem vê Joãozinho Podre atualmente já não o conhece mais, ele está mudado, veste-se na maior estica, esqueceu de vez os alfinetes e as correntes e não pretende mais chocar ninguém, ele quer mais é ser bonitinho e elegante. Joãozinho está com uma banda chamada "PIL" Pu-

blic Image Limited, que não tem mais nada a ver com punk, mas totalmente new wave. Pra ele e muitos os tempos mudaram e a gente tem mesmo é que evoluir. E os modismos continuam, mas o mais importante de tudo isso é que seja ou não por cinco minutos, toda essa gente famosa como meteoro, ou seja de carreira meteórica, tá deixando sua contribuição e criatividade, pra que cheguem outros e continuem criando, pois a ordem é essa: fazer música pessoal, criar, vamos criando...

Assine
Canja.



O grupo inglês Ultravox, um dos blitz kids

arquivo

CONCURSO

★ O Canja ★
★ está com o ★
★ QUEEN ★

QUEEN

Canja o jornal que não é sopa.
Em todas as bancas do Brasil.
Está com a música e não abre.

Na próxima edição do Canja, os professores do Cursinho CPFAP darão a dica de como fazer a

boa redação para você faturar os prêmios do concurso. Não perca.



Cursinho CPFAP

Quase 100 toneladas de som e luz.
Um show que não vai dar pra perder.
Numa promoção Cursinho CPFAP-Odeon-Canja você vai poder ganhar uma bolsa de estudos, todos Lps do Queen e dois ingressos pra assistir a uma das apresentações do conjunto inglês. E é bico faturar essa: a melhor biografia do conjunto (no máximo de 80 linhas) vai levar esse pacote. O resultado você vai saber nas páginas do Canja: a escolhida será publicada. O endereço é: Al. Franca, 241/Jardim Paulista 01422 Concurso Queen.

★ ★ ★
★ Aguará ★
★ QUEEN ★
★ ★ ★

Já que o vestibular é inevitável, relaxe e goze. Cursinho CPFAP.

CPFAP
Rua Alagoas, 903 Fone 826.4233/Pacaembu
(no prédio da FAAP)
Praça da Luz, 2 fone 228.8762
(no prédio da Fac. Belas Artes)
Metrô Estação da Luz

O professor Edison de Freitas da equipe de Comunicação e Expressão do Cursinho CPFAP dá as dicas de como faturar o **Concurso CPFAP - Odeon-Canja**: "Em primeiro lugar, vamos tirar uma dúvida sobre a forma da redação a ser apresentada. Como você sabe, uma redação pode ser feita de três maneiras: a narração, a dissertação e a descrição. Para o nosso caso, pode excluir a primeira hipótese. Melhor será você adotar ou a descrição ou a disser-

tação. Repare: a descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), por meio dos aspectos característicos que o individualizam. Não é preciso arrolar minúcias que, na verdade, acabarão prejudicando o texto. A dissertação consiste numa explanação de idéias com senso crítico, com tomada de posição consciente diante do tema e a sugestão de possíveis e prováveis desenca-

lhos. Agora, em ambos os casos, não se esqueça de que o texto deve apresentar uma ordem lógica na exposição das idéias. Por isso, PENSE antes de escrever; reúna todas as suas idéias sobre os tipos e personagens, a paisagem, o ambiente; analise-os, classifique-os e ordene-os por sua adequação, de um modo que eles sejam subordinados a uma idéia central. Outra coisa: siga, na medida do possível, um plano: apresente, em primeiro lugar a

idéia central (a idéia-núcleo); depois proceda ao desenvolvimento do texto, apresentando os fundamentos da idéia-núcleo; por fim, chegue a uma conclusão sucinta que espelhe sua opinião. Fácil, não? Mesmo que você não ache, lembre-se de que são dicas e que mais importante do que isto será você dar asas a sua imaginação e construir o seu trabalho do jeito que você achar melhor. Boa sorte! A bolsa do CPFAP, os Lps e os ingressos estão esperando você!"

27 de fevereiro a 12 de março

Quinzenal de Música

15 **Canja.**



Preenchendo o cupom abaixo você vai eleger seus músicos brasileiros favoritos e vai concorrer a uma verdadeira discoteca: 120 lps de uma só vez, e todo mês.

Basta preencher o cupom, recortar e enviar para CANJA, Os Melhores Brasileiros do Ano. Alameda Franca, 241 CEP 01422, São Paulo/SP

assine
Canja.

Nome endereço
idade cidade
profissão
estudante? colegial superior
supletivo vestibular
possui automóvel? moto?
equipamento de som?
pratica esportes? surf windsurf roller
skate asa delta paraquedismo
bicicleta tênis natação volei
atletismo voo à vela alpinismo
iatismo outros
ouve rádio FM? Qual(is) horário(s)?
cite 3 emissoras:
frequenta shows musicais?
pubs (barzinhos)?
marque com um x as respostas afirmativas.

- Piano
- Teclados
- Baixo Acústico
- Baixo Elétrico
- Bateria
- Percussão
- Sax
- Piston
- Trombone
- Flauta
- Violão
- Guitarra
- Acordeão
- Conj. Vocal
- Conj. Instrumental
- Cantor
- Cantora
- Autor de Música
- Autor da Letra

Atenção:

1 - Só valem os cupons recortados do jornal.
2 - Você pode enviar quantos cupons quiser.
3 - Não é obrigatório votar em todos os ítems.

4 - Vale votar em brasileiros que estejam trabalhando no Exterior.
5 - A cada mês é sorteado um cupom, que dá ao leitor premiado os 120 lps, a serem retirados na redação do Canja.
6 - Na primeira e

dição de cada mês publicamos o placar e na segunda o nome do leitor sorteado.
7 - A votação vai até a última edição do ano, e em janeiro serão aclamados Os Melhores Brasileiros de 1981, na opinião dos leitores do Canja.

Lamentavelmente, o perfil desta semana é também um necrológico. No dia 15 deste mês, faleceu aos 54 anos o maestro alemão Karl Richter, vitimado por um ataque cardíaco. Seu corpo foi encontrado à noite no quarto de hotel onde se hospedava, em Munique.

O nome de Richter vai estar sempre ligado ao de Johann Sebastian Bach, pela tenacidade e sistematização com que enfrentou brilhantemente a obra do mestre alemão. Seu gosto por Bach levou-o inclusive a obter o posto de organista na igreja de São Tomás, em Leipzig - que pertencera ao próprio Bach no século XVIII -, com apenas 23 anos. Mais tarde, conseguiria o mesmo cargo de organista na igreja de São Marcos, em Munique, cidade que se tornaria então seu centro de atividades. Foi ali que Richter baseou seu Coral e Orquestra Bach, além dos renomadíssimos Festivais Bach.

A dama de Richter decore principalmente de entender a música de seu principal eleito como algo matemático e inatingível pela emoção; nesse sentido, chegam a ser curiosas

suas comparações entre as obras de Bach e Haendel (sobre quem era também considerado expert) eivadas de uma religiosidade que, se aprofundada, conduziria a uma concepção mecanicista de Deus. De qualquer maneira, Richter entendia Bach como certa vez o próprio mestre declarara: uma arquitetura musical matemática e perfeita. Nesse sentido, o maestro alemão construiu a mais sólida apreensão da música bachiana, demonstrada em numerosíssimos discos gravados para a Deutsche Grammophon (e muitos deles à disposição do nosso comprador), como os Concertos Brandemburgueses ou "As Quatro Aberturas" e, principalmente, as duas caixas com 20 lp cada (em catálogo pela Polygram) em que Richter exhibe toda a sua técnica apurada em dedicação a seu mentor musical. Numa época em que o pianista canadense Glenn Gould amplia o conceito de uma aproximação "sentida" às obras de Bach, torna-se mais do que oportuno conhecer as interpretações de Karl Richter, este expoente da fidelidade à partitura que se vai prematuramente.

ERU

por Eduardo Araia

**"Música é a revelação mais alta do que qualquer filosofia."
(Ludwig van Beethoven)**

assine
Canja.



arquivo

Quinzenal de Música 16 **Canja.**

27 de fevereiro a 12 de março

DITA

Uma peneirada
nos lançamentos
que estão indo para as lojas.

Discos

Mozart: Concerto para clarineta e orquestra em lá maior, KV 622; Concerto para fagote e orquestra em si bemol maior, KV 191. Harold Wright, clarineta, Sherman Walt, fagote, e a Orquestra Sinfônica de Boston, regida por Seiji Ozawa. Polygram (selo Deutsche Grammophon). Enquanto a Odeon começa a mostrar os primeiros sinais do desmoronamento inevitável que se seguiria à saída de Maurizio Quadrio, a Polygram continua num mar de tranquilidade — devida em grande parte à edição do selo Deutsche e por aqui, o que vale uma tradução imediata de boa qualidade. Aqui, dois concertos para instrumentos de sopro de Mozart, um dos raríssimos bons melodistas da história da música a revestirem as obras de uma arquitetura musical sólida. O concerto para fagote está contido entre as grandes composições do mestre, enquanto o destinado à clarineta soa algo envelhecido diante de outras obras do gênero do mes-

mo Mozart; no entanto, ambas demonstram inequivocamente o **approach** luminoso e extremamente agradável do compositor austríaco. Para completar a festa, a competetíssima Sinfônica de Boston, um ótimo Sherman Walt no fagote e uma incrivelmente cristalina clarineta de Harold Wright.

Rachmaninoff: Concerto para piano e orquestra n.º 4 e Rapsódia sobre um tema de Paganini. Tamás Vásáry, piano, e a Orquestra Sinfônica de Londres, regida por Yuri Ahronovitch. Polygram (selo Deutsche Grammophon).

Quem comprou o recente álbum tripla da Odeon sobre Rachmaninoff vai poder notar que as obras aqui presentes são as mesmas do 3.º Lp daquele lançamento. Com mais vagar e menos impetuosidade, o bom pianista húngaro Vásáry atravessa o mar de dificuldades técnicas que o compositor russo impunha aos seus intérpretes, em especial na Rapsódia, cuja multiplicidade de nuances das variações exige por

certo um virtuose. Colaboração segura da Sinfônica de Londres e de seu regente convidado, Yuri Ahronovitch.

Bartók: Concertos para piano e orquestra números 1 e 2. Maurizio Pollini, piano, e a Orquestra Sinfônica de Chicago, regida por Cláudio Abbado. Polygram (selo Deutsche Grammophon). Por aqui, quanto mais recentes as obras clássicas, mais difícil é seu lançamento (alguém pode rebater com o Rachmaninoff antecedente; só que Rachmaninoff fazia música nos padrões do século passado). Portanto, rojões em comemoração a este Lp de Béla Bartók, um contemporâneo de Stravinsky que apresentou, ao lado de uma linguagem musical de bastante originalidade, toda a riqueza do folclore húngaro, um dos mais fascinantes do mundo. A linguagem rascante e a contagiante energia estão presentes já no Concerto n.º 1, de enorme impacto na época de sua apresentação. O Concerto n.º 2 possui os mesmos elementos, um pouco mais disciplinados e menos brilhantes, mas nem por isso de importância menor. Maurizio Pollini salta de Beethoven para Bartók com imensa facilidade, confirmando sua posição de pianista n.º 1 do mundo, e conta com o reforço admirável da afiadíssima Sinfônica de Chicago, aqui sob o comando do ótimo Cláudio Abbado. Disco indispensável.

Tchaikovsky - Concerto para Piano e Orquestra n.º 1, op. 23. Cláudio Arrau, piano, e a Orquestra Sinfônica de Boston, sob a regência de Colin Davis. Polygram. É impressionante a quantidade de gravações lançadas no Brasil contendo obras de Tchaikovsky, uma constatação das gravadoras de que é realmente o compositor russo quem mais se popularizou no contexto da música clássica. Talvez Tchaikovsky seja a melhor escada entre aqueles que desejam tomar contato com os chamados "eruditos" e a música mais aprofundada de um Beethoven ou Debussy: junto às formas musicais clássicas o emocionalismo extravasador das grandes massas. Mas, recomenda-se que não se pare apenas nele. Este Concerto, de 1875, é bem representativo da arte tchaikovskiana, embora não esteja dentre as obras mais populares. O chileno Cláudio Arrau e o inglês Colin Davis (aqui tomando o lugar de Ozawa) cumprem sua missão com eficiência.

Mozart - Pequeno Serão Musical e Uma Brincadeira Musical. Quarteto Amadeus, e participações de Rainer Zappert (contrabaixo), Gerd Seffert (1.º trompa) e Manfred Klier (2.º trompa). Polygram (selo Deutsche Grammophon). Comenta-se frequentemente sobre o espírito brincalhão de Mozart — que alguns, inclusive, acham excessivo. Em certas obras, o compositor limitava-se a divertir-se com as mais variadas formas musicais, numa espécie de festiva levandade. É o caso da Valsa dos Dados, onde a um número obtido no lançamento de dados corresponde uma obra na partitura, ou

da presente Uma Brincadeira Musical, em que Mozart pretendia satirizar as músicas feitas pelos músicos de aldeia (elitismo?), ao agrupar clichês musicais numa utilização totalmente errônea das formas então vigentes. Apesar da presença, na mesma gravação, do clássico Pequeno Serão Musical, o lp tem interesse restrito aos conhecedores da obra de Mozart, que conseguem ouvir a sátira e "deliciar-se" com ela; para os outros, é mero desperdício de vinil, atenuado pela ótima execução do Quarteto Amadeus (nossa última visita internacional de 1980).

Joaquín Rodrigo - Concierto de Aranjuez, Concierto Andaluz, Concierto Madrigal e Fantasia Para un Gentilhombre. Los Romeros e a Academy of St. Martin-in-the-Fields, regida por Neville Martin. Polygram. Álbum duplo (coisa caríssima nestes tempos) com as principais obras do espanhol Rodrigo, um dos compositores que mais se utilizaram do riquíssimo manancial folclórico de seu país. Concierto de Aranjuez é indiscutivelmente sua obra mais famosa (você já deve ter ouvido o Adágio deste concerto em alguma novela da vida), mas o abonado comprador poderá também se deleitar com a Fantasia Para un Gentilhombre (homenagem a Gaspar Sanz, violonista da corte de Felipe IV), ou com o Concierto Madrigal, baseado sobre um madrigal renascentista. A empatia entre os excepcionais Los Romeros (uma família de violonistas: Caledonio, o pai, e Angel, Celín e Pepe, os filhos) e a Academy of St. Martin-in-the-Fields é incrível.

Beethoven - Concerto Para Piano e Orquestra n.º 5, op. 73, "Imperador". Maurizie

Pollini, piano, e a Orquestra Filarmônica de Viena, regida por Karl Bohm. Polygram (selo Deutsche Grammophon). Embora o nome popular deste concerto seja "Imperador", nome dado provavelmente por um oficial francês na estréia vienense da obra (1812), Beethoven já deixara havia muito de admirar Napoleão. A correlação talvez ficasse por conta do majestoso do concerto em si, uma das demonstrações mais poderosas da arte beethoveniana. Para colaborar, os intérpretes são Maurizio Pollini (de quem a mesma gravadora lançou recentemente um lp com magníficas interpretações das últimas duas sonatas para piano de Beethoven) e o maestro Karl Bohm, reconhecidamente um dos melhores "leitores" da obra do compositor alemão. Delicie-se.

Sibelius - Concerto Para Violino e Orquestra em Ré Menor, op. 47; Seis Humoresques para violino e orquestra. Salvatore Accardo, violino, e a Orquestra Sinfônica de Londres, regida por Colin Davis. Polygram. Toda a obra do finlandês Sibelius concebida para violino e orquestra está aqui: apenas um concerto e seis peças curtas. Sibelius acabou ficando na memória musical do Ocidente como o representante da Finlândia; sua música, baseada em motivos folclóricos, reflete a natureza fria e melancólica de sua pátria (não é à toa que sua obra mais conhecida é "Valsa Triste"). É o que transparece em seu Concerto, com um bom artesanato formal; já as Humoresques são temas menos requintados, com uma concepção menos aprofundada. Salvatore Accardo e a Sinfônica de Londres levam tudo isso a bom termo.

NOTAS

Apesar do espalhamento internacional a respeito da descoberta de uma sinfonia de Mozart, a obra não deve ter uma importância significativa. Essa sinfonia, vendida à Biblioteca Estadual Bávara (na Alemanha Ocidental), foi composta quando o mestre austríaco tinha 9 anos de idade. Portanto, a apresentação de estréia

(marcada para 17 de maio no castelo de Herrenchemsee, Áustria) reveste-se essencialmente de valor histórico, de vez que as melhores composições mozartianas viriam posteriormente. Saiu enfim o roteiro para a temporada-81 da Sociedade de Cultura Artística. Ao lado do espanto criado pelos preços (que fazer?), a certeza de mais um ano

com boas aparições internacionais. Entre elas, a Orquestra de Cleveland (em maio), uma das melhores do mundo (curiosidade: Cleveland é uma cidade do tamanho de Belo Horizonte); o inacreditável flautista Jean Pierre Rampal (junho); o Ensemble Instrumental de Grenoble (outubro); e reaparições do "I Musicici" e do Quarteto Amadeus (setembro).

I CONCURSO UNIVERSITÁRIO "GRANDES VULTOS DA MÚSICA NACIONAL" 1981

monografia: Marcelo Tupinambá, vida e obra.

A Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo - Comissão de Música e a Faculdade "Marcelo Tupinambá" estão promovendo um concurso, aberto a todos os estudantes brasileiros, natos ou naturalizados, regularmente matriculados em qualquer universidade ou faculdade do

País, sobre a Vida e obra de Marcelo Tupinambá. A monografia deverá ser inédita e o original com o mínimo de 15 laudas datilografadas em espaço dois. Cada autor poderá concorrer com apenas uma obra, que deverá ser enviada em 4 vias (a original e 3 cópias) para a Secretaria da Cultura (R. Líbero Badaró, 39/5º - a/c Comissão de Música) ou Faculdade "Marcelo Tupinambá" (R. Vergueiro, 2087), em São Paulo. Serão escolhidas as três melhores obras que recebe-

irão, respectivamente, os seguintes prêmios: 1º colocado, Cr\$ 50 mil e Medalha de Ouro "Marcelo Tupinambá"; 2º colocado, Cr\$ 30 mil e Medalha de Prata "Marcelo Tupinambá", e para o 3º colocado, Cr\$ 20 mil e Medalha de Bronze "Marcelo Tupinambá". Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 30 de abril de 81 na Faculdade ou na Secretaria (endereço acima) e os prêmios serão entregues no dia 30 de maio no Auditório da Secretaria da Cultura.

O L'Auberge Anuncia Boas Notícias para os Fãs da Comida Caseira Libanesa

No L'Auberge você experimenta os mais famosos pratos da genuína comida libanesa e é recebido com a inconfundível hospitalidade e o padrão de serviços L'Auberge. De 2ª a 6ª oferecemos Almoço Executivo e diariamente o delicioso Jantar Típico Libanês completo, onde o doce e o cafezinho estão incluídos no preço. E por falar nisso, olha aí outra boa notícia do L'Auberge.

L'Auberge

L'Auberge restaurante típico libanês / bebidas nacionais e importadas / fácil estacionamento / música ambiente.

Rua Pamplona, 1084 - Fones: 289-9754/285-6657

Para você anunciar a troca e a transa. Não vale compra e venda.
Classificado
 grátis

São Paulo

Vendo Mobylette 77 amarelinha, coisa fina. Tratar com Bia, Fone: 62-7996/SP.

Casa de Rock procura grupos musicais. Fone 212-3625.

O Canja admite uma datilógrafa experiente. Fone: 287-9420.

Se Você Quiser desenrolar de uma vez a língua e falar inglês ligue-se na Quelita, Fone: 66-4432 - aulas particulares de inglês (Conversação e Gramática) Traduções e versões inglês/Português em qualquer nível. Experimente.

Procura-se Bastardo Guitarrista punk. Não aceitamos bunda-mole. Tratar com Kid Vinil 279-6811.

Gostaria de entrar em contato com pessoas que estejam a fim de formar um grupo vocal e instrumental, e que tenham seus instrumentos, Jorge Malaquias Menezes. Rua São Pedro, 226 - Taboão da Serra - SP Cep 06750.

Se Você Quiser saborear pão puro-se bromato, vá lá na "Massa Pura" padaria integral, Rua Francisco Leitão, 162 - Pinheiros - Fone: 883-1879.

Troca-se corrente de ouro por aparelho de som. Fone: 282-5383 - falar com Maria/SP.

Pede-se um disco de Jazz Tradicional. Quem tem o disco sabe o que é. Fone 71-2008.

Compra-se o livro com as poesias completas do Fernando Pessoa. Falar com Zé Luis. Fone: 71-2008.

Selos de diversos apíses. Fone 212-1012 - horário comercial. Dna. Tania ou Sérgio.

Som nacionais, todas as marcas. Preço muito em conta. Verifique sem compromisso. Fone: 270-4888.

Compra-se coleções e lotes de selos. Paga-se bom preço às vista. Fone: 284-3901.

Super 8 projetor Kodak e filmadora Sankyo. F: 542-7756.

Leciona-se Harmonia. Aulas práticas em piano Fender e sintetizador. Fone: 62-8139.

Rio de Janeiro

ABA aluga 02 quartos mobiliados com telefone. Fixo ou temporada de 7/10/15/20/30 dias. Flamento - RJ. Fone: (021) 205-7511.

Férias/Carnaval Cr\$ 900,00 a diária. Copacabana. Fone: (021) 257-5024 ou 256-6838.

Aluga-se ótimo quarto mobiliado para temporada. Fone: (021) 257-7133 - Copacabana RJ.

Copacabana quarto para temporada. Aluga-se para rapaz. Cr\$ 700,00 a diária. Av. Copacabana, 583/608.

Apto. Kitch Arejado, esquina, junto a praia, no Lido. Fone: (021) 541-8352.

Guia de São Paulo e Rio.
 Restaurantes, bares,
 boates, hotéis,
 compras.

Classificado
 ilustrado



RUA FRANCISCO LEITÃO, 162
 fone 8831879 cep 05414
 SÃO PAULO

CGC. 43769223/0001 - 20
 IND. BRASILEIRA

15% de desconto na apresentação deste folheto

Na boca da máquina!
Sangue de Coca-Cola
 de Roberto Drummond
 O livro mais esperado dos últimos anos.
 Breve nas livrarias!
 ea
 editora ática



"Agora com almoço executivo das 11 horas ao último cliente."

RUA DOS INGLESES, 355
 BELA VISTA
 S. PAULO

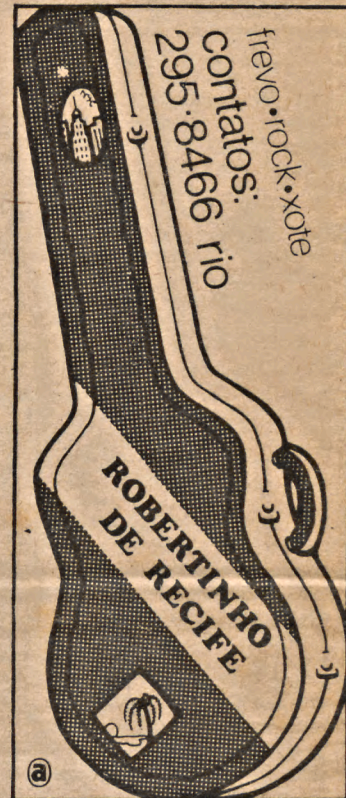
alameda
 THAIS E ZÉLIA
 esperam sua visita
 para conhecer novos cheiros,
 roupas e acessórios
 alameda Campinas, 1279
 tel. 285-2109 - SP

VENDEDOR DE TIJOLINHO —
 O Canja está admitindo gente pra vender anúncios pequenos e gostosos. Dá pra levantar uns bons caraminguás. Procure o Nelson, na Alameda Franca 241 - das 14:00 às 18:00 horas.



Rua Avanhadava, 81 Fone 256 4320

Chá Chocolate Vinho
Erva Doce
 Casa de Chá
 Pinheiros
 R. Conego Eugenio Leite 442



onde o
ROCK ROLA
 DESVAIRADA
 New Wave nos pratos, com Julio Barrozo.
 Som ao vivo de 4ª a domingo, a partir das 22 hs.
 Direção Geral:
 Nelson Motta.
 ingressos : 300,00
 Av. Brig. Faria Lima, 1575/
 Cal Center - SP.

Quinzenal de Música

18

assine
Canja.

27 de fevereiro a 12 de março

por Luiz Henrique Romagnoli

Fogo Paulista

Dicas da noite paulistana.

O carnaval vem por aí e o distinto leitor já deve estar tirando a naftalina da sua fantasia de sultão ou afinando o tamborim para cair na gandaia. E vamos todos de carnaval, incluindo este pedaço de coluna.

Os primeiros vagidos do carnaval paulista deste ano foram as aparições do trio elétrico pela noite de São Paulo, geralmente tentando ajudar as bandas que todo ano vão às ruas, como a Redonda e a Maravilha. Mas a passagem do trio elétrico pelas ruas conseguiu reunir apenas umas poucas dezenas de pessoas, o que significaria que os outros milhões de paulistanos que não o seguiram já teriam morrido, segundo o filósofo Caetano Veloso. Isso só seria verdade se não se tratasse de São Paulo, uma terra onde o grosso dos foliões é adepto do carnaval entre quatro paredes.

Quem ficar em São Paulo só tem como opção os salões, e, claro, os desfiles de escolas de samba, seja ao vivo, na Avenida Tiradentes, seja pela televisão, assistindo a festa do Rio. Mas isso não é exatamente pular o carnaval. Quem viaja, pode pegar bons carnavais no litoral e no Interior do Estado.

Outra desvantagem de ficar por São Paulo, além da sensação de habitar uma cidade fantasma, é a falta de cerveja que já ameaça os bebedores amadores e profissionais.

As fábricas dizem a mesma coisa: excesso de demanda, falta de produção. Isso significa que os estoques de latinhas serão vendidos com o conhecido ágio. Mas nem isso vai desanimar os foliões, que no carnaval bebem qualquer coisa, pagando qualquer preço.

Mais do que a bebida, porém, a atração deste carnaval será o lança-perfume. Não que sua fabricação tenha sido liberada e nem que, até este ano, o cheirinho não fosse constante nos salões. O que acontece é que os turistas argentinos que chegaram aos milhares, descobriram que além dos seus pesos, também suas lanças estão supervalorizadas cá no País, e começaram a trazer caixas e caixas de "aromatizadores de salão". Segundo o colonista Zózimo Barroso do Amaral, do Jornal do Brasil, o lança-perfume está sendo usado neste verão como moeda em alguns lugares do Rio. Em São Paulo, jovens percorrem casas noturnas oferecendo caixas de "Universitária" com uma dúzia de ampolas a Cr\$ 18 mil. No varejo, o lança tem cotações que variam de Cr\$ 800 a 2 mil.

Com isso, "Lança-Perfume", desta vez a música de Rita Lee, promete ser a favorita dos salões. Além desta, outra música que pinta como sucesso é "Maria sapa-

tão", com Chacrinha, mas é só isso. Portanto, se você sabe as letras de "Jardineira", "Mamãe eu quero", "Aurora" e outras velhas músicas, não ficará por fora.

Eis algumas indicações de bailes, Evoé.

Se você conseguiu chegar a fevereiro de caixa alta, uma dica é pular no Paineiras do Morumbi. A decoração é inspirada em Flash Gordon e sempre pode surgir uma Darle Arlen. O convite custa 1.500 cruzeiros para cada uma das três noites ou 3 mil por um convite válido para as três.

As tietes dificilmente estarão no Clube Tietê, já que o carnaval de lá será animado pela orquestra de Severino Silva e não pela Cor do Som. Mesmo assim por mil cruzeiros (homem) e 600 (mulher) dá para pular em cada um dos 4 bailes.

Já o Palmeiras estará fazendo o "Carnaval da Pré-História". Prepare sua clava e desembolse 400 cruzeiros, ou ajeite sua trança com um osso e solte 200. Você poderá encontrar algum roqueiro da Pompéia fantasiado de Rita Lee.

A versão paulista do Caneção, onde tem-se apresentado Chico Anísio, vai fazer cinco bailes noturnos. O ingresso custa 2 mil e 500 cruzeiros por pessoa e dá direito a uma mesa e um aperitivo servido dentro de um coco. Isso porque o tema será "Ilha da Fantasia". Os anões farão ótima figura vestidos de branco.

Na linha povão, há o salão do Paulistano da Glória, que fica na rua da Glória. Bailes nas quatro noites e a preços módicos: 150 cruzeiros se você for uma dama e 300 se for um cavalheiro.

Mas se quer sair no "Notícias Populares", o negócio é uma chegada até o Casa de Portugal, que fica na Liberdade (porque não Casa do Japão?) É que lá serão realizados os famosos bailes do Arakan, onde muito antes de estourar em Búzios e Ipanema, o topless já era uma rotina. Ingressos a 300 cruzeiros para damas e 600 para cavalheiros.

E se também for gente, o Homo Sapiens, aquela boate da Marquês de Itu, 182, terá cinco bailes com ingressos a 500 cruzeiros (sem distinção de sexo) dando direito a dois drinks. A música será de fita, algumas fantasias também.

CEFALÉIA PÓS-ALCÓOLICA

A maioria dos bares deverá estar de portas fechadas durante o carnaval. Isso não só porque abrir a casa pode significar prejuízo, como também porque muitos dos conjuntos que militam a noite estarão espalhados pelas praias e pelo Interior em gozo de merecido descanso. Boa parte dos conjuntos que surgiram principalmente neste último ano não são exatamente o que se possa chamar de profissionais. Não são poucos os roqueiros, sambistas e músicos de outras especialidades que dependem de outros empregos. Por isso, nesta época, eles aproveitam para sumir do mapa, desfalcando as casas de música. Então, durante o carnaval quem quiser ouvir música ao vivo deve procurar uma escola de samba. Isso também vale para a quarta-feira de cinzas, quando boa parte dos locais de música estará fechada para que se curta a ressaca.

AH, SIM.

Ah, sim. Tinha me esquecido de incluir aí na notinha anterior, que o Arnaldo também vai tocar no Paulicéia Desvairada. Isso vai ser nos dias 11 e 12, respectivamente quarta e

quinta. Para quem ainda não conhece o Paulicéia, o endereço é Avenida Faria Lima, no Cal Center.

SRTA. PENNA BURGOS

Este é o fim do nome de Gal Costa, que nasceu Maria da Graça Costa Penna Burgos. E é este também o nome do especial que vai ao ar pela Globo no dia 6 de março, às 21h, abrindo a temporada global de shows. Como sempre, muitos convidados na platéia e dois nomes no palco: Elis Regina e Grande Otelo. Além das músicas do novo lp de Gal, estarão "Balancê",

"Folhetim", "Aprendendo a Jogar", "Pérola Negra", "Força Estranha" e outras mais. Um bom programa para preferir começar a sexta-feira mais tarde na rua, ou para os que preferem se recolher.

SAIAS NO PONTO

No dia 11 de março, "O Ponto" vai estar promovendo a "Noite da mini e maxi saias". O Ponto é um bar privê, mas que aceita "convidados". Durante a semana tem rock dos Beatles e Elvis com o American Grafitti (às quartas) e country com o Blue Gang (às quintas). O endereço é alameda Jaú, 1.445.



arquivo

BEATLEMANIA

Os fãs dos Beatles estão convocados para um dia com muita música do eterno quarteto. A promoção é da revista Revolution, e se chama 1.ª Mostra Musical dos Beatles. Será um domingo com show ao vivo e filmes inéditos. No palco, o conjunto Comitatus, o melhor que eu já vi fazendo Beatles (uai, não era o Canja que não tinha críticos?). Além de tirarem

verdadeiras pérolas do repertório, a execução do quarteto (ou quinteto, com pianista opcional) é muito semelhante à dos eternos 4, e isso é essencial quando se quer reouvir um conjunto. Ao lado do Comitatus, estará o "Shining Alone" Arnaldo Dias Batista, atuando como guest special star. A 1.ª Mostra Musical dos Beatles será realizada no dia 8 de março no Auditório Augusta, rua idem,

943. Os ingressos custarão 200 cruzeiros e podem ser comprados apenas na sede da revista, na Avenida Faria Lima, 1.684, loja 37, com um dos irmãos Malgolini. Um deles, o Marco Antônio, editor da revista, já deverá estar voltando dos Estados Unidos, de onde sempre traz uns filmes fantásticos dos Beatles. Antes de viajar ele prometeu trazer coisas do arco da velha (essa expressão vai pegar).



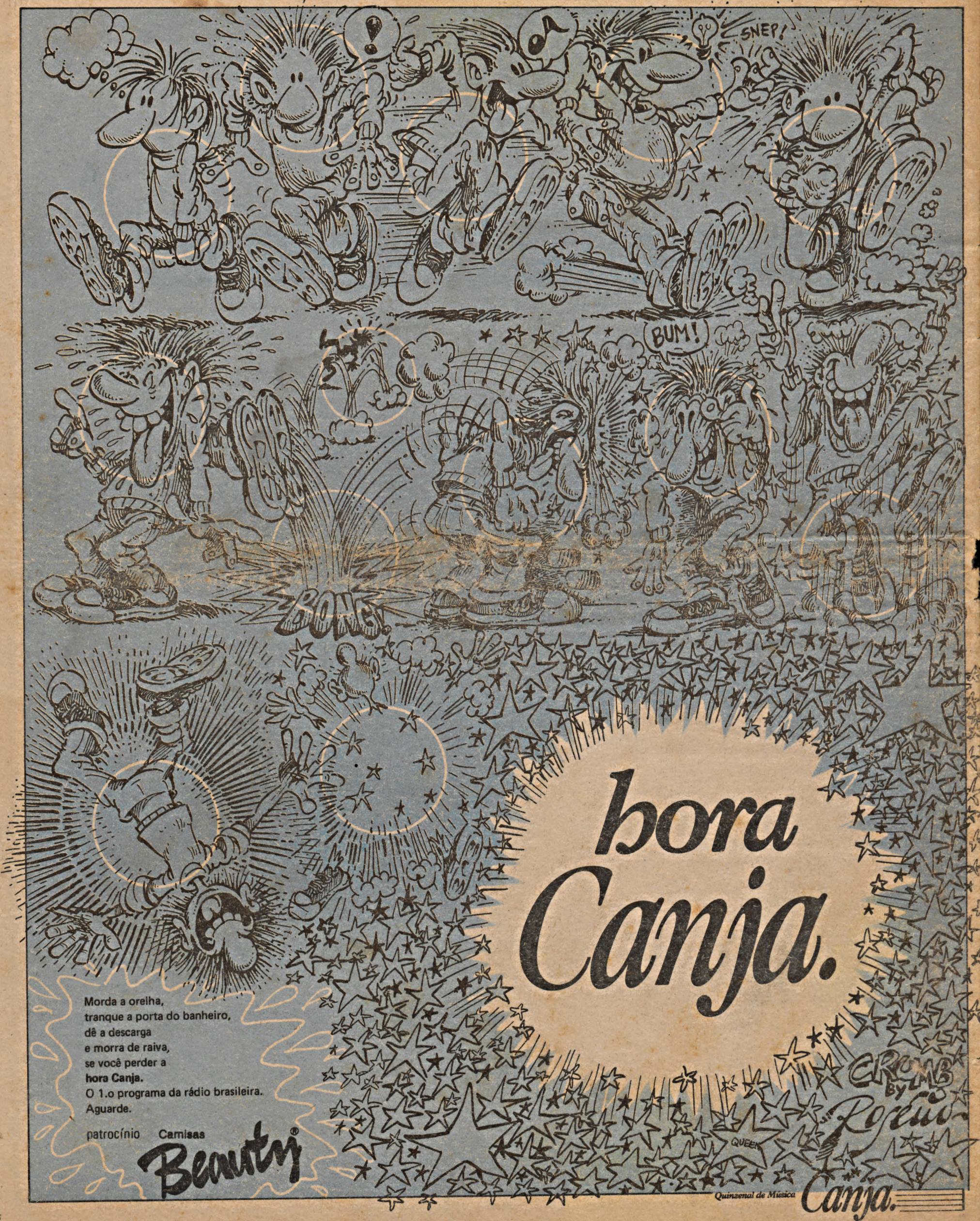
arquivo

Quinzenal de Música

19

Canja.

27 de fevereiro a 12 de março



hora Canja.

Morda a orelha,
tranque a porta do banheiro,
dê a descarga
e morra de raiva,
se você perder a
hora Canja.
O 1.º programa da rádio brasileira.
Aguarde.

patrocínio Camisas

Beauty

CRUMB
BYLUB
QUEEN
Rocio
Canja.